

Fevereiro 2026

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

A Importância da Criança Brincar no Exterior: Crianças mais livres!

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
PARA A OBTENÇÃO DE
GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

DE

MADALENA RUÃO GARCEZ MAGALHÃES

ORIENTAÇÃO

Doutora Brigitte Carvalho da Silva



PAULA
FRASSINETTI

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio

A Importância da Criança Brincar no Exterior

Crianças mais livres!

Madalena Ruão Garcez Magalhães

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de
Educação de Paula Frassinetti para obtenção de grau de Mestre
em Mestrado de Educação Pré-Escolar

Elaborado por Madalena Ruão Garcez Magalhães

Sob Orientação da Doutora Brigitte Silva

PORTO

2026

Agradecimentos

A concretização deste relatório representa o culminar de uma etapa exigente e muito significativa do meu percurso académico, que não teria sido possível sem o apoio, o acompanhamento e o incentivo de várias pessoas fundamentais.

- À Professora Brigitte Silva, deixo o meu sincero agradecimento por toda a orientação, disponibilidade, rigor e apoio ao longo deste trabalho. A sua ajuda foi determinante para a consolidação das ideias, para o aprofundamento da reflexão e para a finalização deste relatório.

- À Professora Clara Craveiro, agradeço toda a ajuda e apoio prestados, bem como as palavras de incentivo e motivação, que foram importantes para manter a confiança e a persistência ao longo do percurso.

- Às educadoras que participaram na investigação, agradeço a disponibilidade, a partilha e a abertura demonstradas.

- Às crianças, deixo um agradecimento muito especial, pois foram a inspiração deste trabalho; a sua curiosidade, as suas reações e a forma como exploram o mundo deram verdadeiro significado a esta investigação.

- À Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, agradeço a formação proporcionada e as oportunidades de crescimento pessoal e profissional que contribuíram para o meu desenvolvimento enquanto futura educadora.

- Aos meus pais, agradeço profundamente todo o apoio incondicional, a confiança e a presença constante, mesmo nos momentos mais exigentes.

- Ao meu namorado, obrigada por estares sempre presente, pela paciência, pelo incentivo e por me apoiares em cada etapa.

- À minha amiga Beatriz, agradeço a amizade e as palavras certas nos momentos em que mais precisei de ânimo.

- À minha família, que é o meu braço direito, agradeço o carinho, a compreensão e o apoio contínuo.

- Aos meus amigos, obrigada pelo companheirismo, pela compreensão e por acreditarem sempre em mim.

A todos, o meu sincero obrigada.

Resumo

O presente relatório, realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, resulta da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvida em contexto de Creche e de Educação Pré-Escolar. O estudo centra-se no brincar no exterior e no contacto com a natureza, procurando compreender de que forma estas experiências influenciam as reações das crianças, o seu bem-estar e a sua autonomia, considerando também diferenças entre atividades realizadas no interior e no exterior.

A investigação assume uma abordagem qualitativa, recorrendo a grelhas de observação aplicadas em atividades com elementos naturais e a entrevistas semiestruturadas a educadoras. A análise dos dados permitiu identificar padrões de reação, níveis de implicação e autonomia, bem como a perspetiva das educadoras sobre o valor pedagógico do espaço exterior.

Os resultados evidenciam reações diversificadas perante os materiais naturais e sugerem que o exterior tende a favorecer maior envolvimento, exploração sensorial e disponibilidade emocional, associando-se a sinais mais consistentes de bem-estar e a maiores oportunidades de iniciativa e tomada de decisão. Conclui-se que a integração intencional de experiências no exterior e com elementos naturais, pode constituir uma oportunidade significativa de aprendizagem e desenvolvimento, exigindo tempo, organização do ambiente e uma mediação ajustada às necessidades das crianças.

Palavras-chave: Brincar no exterior; Natureza; Bem-estar; Autonomia; Creche; Educação Pré-Escolar.

Abstract

This report, developed within the scope of the Master's Degree in Early Childhood Education, stems from the Supervised Teaching Practice carried out in Nursery and Pre-School settings. The study focuses on outdoor play and children's contact with nature, aiming to understand how these experiences influence children's responses, well-being, and autonomy, while also considering differences between activities conducted indoors and outdoors.

The research follows a qualitative approach, using observation grids applied during activities with natural materials and semi-structured interviews with educators. Data analysis allowed for the identification of response patterns, levels of engagement and autonomy, as well as educators' perspectives regarding the pedagogical value of outdoor spaces.

The findings reveal varied responses to natural materials and suggest that outdoor environments tend to foster higher levels of engagement, sensory exploration, and emotional availability. These contexts are associated with more consistent indicators of well-being and greater opportunities for initiative and decision-making. It is concluded that the intentional integration of outdoor experiences and natural elements into daily educational practice represents a meaningful opportunity for learning and development, requiring time, thoughtful environmental organization, and mediation tailored to children's needs.

Keywords: Outdoor play; Nature; Well-being; Autonomy; Nursery; Early Childhood Education

Índice

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO.....	II
ABSTRACT.....	III
ÍNDICE DE IMAGENS	VI
INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. A CRIANÇA E A NATUREZA.....	3
2. VIVÊNCIA, AMBIENTE E INTENCIONALIDADE EDUCATIVA NA RELAÇÃO COM A NATUREZA ...	4
3. O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE E A DIMINUIÇÃO DO CONTACTO COM A NATUREZA....	5
4. BENEFÍCIOS E RISCOS: CONTACTO COM A NATUREZA NA INFÂNCIA.....	6
5. A NECESSIDADE DE A CRIANÇA BRINCAR NO EXTERIOR.....	7
6. CRIANÇAS COM LIBERDADE EMOCIONAL	8
7. O ESPAÇO EXTERIOR COMO CONTEXTO EDUCATIVO	9
PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	11
1. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO.....	11
2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	12
3. CONTEXTOS E PARTICIPANTES DA INVESTIGAÇÃO.....	13
3.2. <i>Caracterização dos grupos de crianças</i>	14
3.3. <i>Participação das educadoras de infância</i>	15
4. QUESTÕES ÉTICAS	16
5. INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS	16
PARTE III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	18
1. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	18
1.1 <i>Análise da entrevista à educadora do contexto de Creche</i>	18
1.2. <i>Análise da entrevista à educadora do contexto de Educação Pré-Escolar</i>	20
2. ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES EM CONTEXTO DE CRECHE	23
2.1. <i>O jardim na nossa sala!</i>	23
2.2. <i>Exploração das folhas com o retroprojektor</i>	27
2.3. <i>Vamos explorar a natureza com materiais não estruturados</i>	31
2.4. <i>A natureza!</i>	35

2.5.	<i>A praia veio à escola</i>	39
3.	ANÁLISE DAS GRELHAS DE OBSERVAÇÃO: EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	43
3.1.	<i>Cozinha de lama</i>	43
3.2.	<i>Pintura com elementos naturais</i>	47
3.3.	<i>Os quadros da natureza</i>	50
3.4.	<i>As esculturas da natureza</i>	54
3.5.	<i>Análise dos dois Contextos: Creche/Pré-Escolar</i>	57
3.6.	<i>Condições que potenciam e que limitam a exploração com elementos naturais</i>	59
3.7.	<i>Articulação entre a análise prática e a fundamentação teórica</i>	62
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
	ANEXOS	1
	ANEXO 1 - ENTREVISTAS ÀS EDUCADORAS DE INFÂNCIA.....	1
	ANEXO 2 - GRELHAS DE OBSERVAÇÃO: CRECHE	0
	ANEXO 3 - GRELHAS DE OBSERVAÇÃO: EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	0

Índice de imagens

Imagem 1 - Caixas com elementos naturais	24
Imagem 2 - Criança a brincar com a terra	25
Imagem 3 - Criança a brincar com a relva	25
Imagem 4 - Uma criança a brincar com a terra e a outra criança a observar	26
Imagem 5 - Crianças a explorar as folhas	28
Imagem 6 - Crianças a explorarem as sombras	29
Imagem 7 - Crianças a explorarem as sombras	29
Imagem 8 - Criança a explorar as folhas e as sombras.....	31
Imagem 9 - Criança a brincar no exterior.....	32
Imagem 10 - Criança a brincar com a caixa	33
Imagem 11 - Criança feliz na natureza.....	34
Imagem 12 - Crianças a explorar no exterior	35
Imagem 13 - Criança a brincar com elementos naturais	36
Imagem 14 - Criança a colocar a flor na boca.....	37
Imagem 15 - Criança a explorar a textura das folhas	37
Imagem 16 - Crianças a explorar no exterior (frutas e plantas)	38
Imagem 17 - Criança a atirar água	40
Imagem 18 - Crianças a explorar a textura da areia	41
Imagem 19 - Criança descalça a sentir a textura da relva	41
Imagem 20 - Grupo de crianças a explorar livremente a mesa com os elementos naturais ..	42
Imagem 21 - Criança a explorar sem tocar muito na terra	44
Imagem 22 - Criança a sentir a textura da terra.....	44
Imagem 23 - Criança a transportar a água de um recipiente para o outro.....	45
Imagem 24 - Várias crianças a explorar a lama	46
Imagem 25 - Criança a sentir a textura da folha.....	47
Imagem 26 - Criança a pintar o ouriço.....	48
Imagem 27 - Criança a pintar o ouriço.....	49
Imagem 28 - Várias crianças a explorar e a pintar os elementos da natureza	50
Imagem 29 - Criança a sentir a textura da folha.....	51
Imagem 30 - Criança a colar pequenos pedaços de folha na fita cola.....	52

Imagem 31 - Criança a desfazer a folha com muito cuidado	52
Imagem 32 - Conjunto de crianças a construir os quadros da natureza	53
Imagem 33 - Criança a colar um pedaço de folha no barro.....	54
Imagem 34 - Criança a colar um ouriço no barro.....	55
Imagem 35 - Criança a sentir a textura da folha.....	55
Imagem 36 - Escultura da Natureza muito original (Materiais: Barro, folhas, flores e ouriços)	56



Declaração de Transparência sobre o uso de Recursos de Inteligência Artificial Generativa

No âmbito do compromisso da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (ESEPF) com a integridade científica, a responsabilidade académica e a inovação tecnológica consciente, declaro que, no desenvolvimento do presente trabalho académico, foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial generativa como apoio aos processos de investigação, organização e/ou redação.

Todas as decisões conceptuais, metodológicas e analíticas foram tomadas pelo(s) autor(es), garantindo a conformidade com os princípios institucionais da ESEPF.

Ferramentas utilizadas e respetiva finalidade:

(Descreva abaixo as ferramentas de IA utilizadas e a sua função no trabalho)

[Exemplo da descrição das utilizações Ex.: Foi utilizado o (ChatGPT, DALL-E ou Gemini) para explorar ideias iniciais e propor uma estrutura preliminar do trabalho; foi aplicado para melhorar clareza, coesão e precisão terminológica. Word AI for foi utilizado para normalização e verificação das referências bibliográficas. (...)]

Foi utilizado o ChatGPT para apoio à revisão linguística do trabalho, nomeadamente na correção ortográfica e gramatical, na reformulação de frases potencialmente mal estruturadas e na melhoria da clareza, coesão e precisão textual.

Declaro ainda que em nenhum momento foram utilizadas ferramentas de IA generativa para produzir conteúdos científicos ou substituir o pensamento crítico e a fundamentação bibliográfica. Todo o conteúdo eventualmente gerado com apoio de IA foi sujeito a revisão, validação e adaptação crítica pelos autores. Todas as fontes citadas foram consultadas e analisadas diretamente.

Título do trabalho: A Importância da Criança Brincar no Exterior: Crianças mais livres!

Data: 15 / 02 / 2026

Nome completo do(a) autor(a): Madalena Ruão Garcez Magalhães

Assinatura: Madalena Magalhães

Introdução

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e resulta da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvida em contexto de Creche e de Educação Pré-Escolar. Ao longo deste percurso, a observação sistemática das crianças em atividades com elementos naturais, realizadas em contexto interior e exterior, suscitou a necessidade de compreender de forma mais aprofundada como o contacto com a natureza influencia o seu comportamento, nomeadamente, as suas reações, o seu envolvimento e a sua aprendizagem.

O trabalho centra-se na análise das diferentes reações das crianças perante elementos naturais e na compreensão das diferenças entre contextos (interior e exterior), articulando esta dimensão prática com a perspetiva das educadoras cooperantes sobre o papel do educador na promoção da exploração da natureza. A investigação procura, assim, cruzar a prática pedagógica vivenciada com a fundamentação teórica que sustenta a importância do brincar, da exploração sensorial e do contacto com o espaço exterior no desenvolvimento integral da criança.

A metodologia adotada assume um carácter qualitativo, recorrendo à observação direta, à construção de grelhas de registo e à realização de entrevistas às educadoras. As grelhas permitiram analisar níveis de implicação, autonomia e reação emocional das crianças em diferentes propostas, enquanto as entrevistas possibilitaram compreender como as profissionais interpretam o valor pedagógico da natureza e o seu papel na organização dos contextos educativos.

Este relatório encontra-se estruturado em diferentes capítulos. Numa primeira parte, apresenta-se o enquadramento teórico, onde se abordam os contributos de diversos autores relativamente ao brincar, ao desenvolvimento da criança, ao papel do espaço exterior e à intencionalidade educativa do profissional de educação. Seguidamente, descrevem-se as opções metodológicas adotadas, os contextos de intervenção e os instrumentos de recolha de dados. Posteriormente, procede-se à análise das atividades realizadas em creche e em educação pré-escolar, estabelecendo uma relação crítica entre os dados recolhidos e os referenciais teóricos mobilizados. Por fim, apresentam-se as considerações finais, onde se sistematizam as principais conclusões do estudo.

Com este trabalho pretende-se evidenciar que a exploração da natureza, quando intencionalmente planeada e acompanhada, constitui uma oportunidade significativa de aprendizagem, favorecendo o bem-estar, a implicação e a autonomia das crianças, ainda que com variações individuais e contextuais que importa compreender e valorizar.

Parte I – Enquadramento Teórico

1. A criança e a natureza

A relação da criança com a natureza pode ser entendida como uma dimensão relevante do desenvolvimento, na medida em que permite experiências diretas, sensoriais e corporais que sustentam a aprendizagem. Através do contacto com o ambiente e da exploração de materiais concretos, a criança tem oportunidade de observar, experimentar, repetir, comparar e construir significados, num processo em que a ação e a iniciativa assumem um papel central. Nesta perspetiva, valoriza-se a participação ativa da criança e o respeito pelo seu ritmo, reconhecendo-se que a autonomia se desenvolve de forma progressiva quando existem condições para escolher, persistir e aprender a partir da experiência (Montessori, 2023).

No contexto da educação de infância, esta reflexão ganha especial relevância quando se considera que, no quotidiano atual, muitas crianças passam grande parte do tempo em espaços interiores. Vasconcelos reforça esta ideia ao apresentar a natureza como uma necessidade vital, física e mental e ao sublinhar que as crianças passam demasiadas horas “entre quatro paredes”, defendendo a importância de “sair e ver o mundo fora de portas”, quer na creche, no jardim de infância, quer no contexto familiar. Esta autora associa essa possibilidade de saída ao desenvolvimento da autonomia, da autoconfiança e da capacidade de superação, destacando o valor de espaços desafiadores e da atividade física regular, numa transição “do confinamento à expansão” do corpo em desenvolvimento (Vasconcelos, 2024, p. 18).

Deste modo, abordar a relação entre criança e natureza não se limita a reconhecer a existência de um espaço exterior, mas implica considerar de que forma o ambiente pode ser pensado para oferecer oportunidades reais de exploração, movimento e descoberta. Quando o brincar ao ar livre é valorizado e integrado de forma intencional, criam-se condições para que a criança se envolva com maior profundidade nas experiências, tome pequenas decisões, ganhe confiança e construa aprendizagens significativas a partir do que vive e sente no contacto com o mundo (Montessori, 2023; Vasconcelos, 2024).

2. Vivência, ambiente e intencionalidade educativa na relação com a natureza

A relação da criança com a natureza ganha especial consistência quando é compreendida a partir das vivências que se constroem na interação com o ambiente. Neste contexto, o ambiente não é apenas o lugar onde a criança está, mas um elemento que participa ativamente no modo como ela se desenvolve e aprende.

Como referem Rocha, Schroeder e Batista:

O ambiente exerce o papel de fonte no desenvolvimento das propriedades específicas superiores do ser humano e de suas formas de atividade, portanto a interação com o ambiente é processo, não apenas o contexto, por meio da qual as propriedades humanas se constituem (Rocha, Schroeder e Batista, 2023, p. 3).

Esta perspectiva ajuda a reforçar a ideia de que aprender implica ação, relação e experiência vivida, sobretudo quando a criança tem oportunidade de explorar com o corpo e com os sentidos, quando está em contacto com elementos naturais.

Ao mesmo tempo, esta compreensão torna mais evidente a necessidade de garantir condições para que essas vivências ocorram de forma regular e com sentido educativo, evitando que o contacto com a natureza seja meramente ocasional. Nesse sentido, a integração da natureza pode assumir uma dimensão pedagógica intencional. Spinelli, Zucco & Euzébio (2020) referem que “este projeto de extensão vem há mais de 10 anos realizando diversas ações voltadas para a relação da criança com a natureza” (Spinelli, Zucco & Euzébio, 2020, p. 1), evidenciando que a vivência com a natureza pode ser pensada como continuidade, e não como exceção. Além disso, estes autores situam essa intervenção num horizonte mais amplo, orientado para “o foco nos processos de preservação da natureza, o desenvolvimento sustentável e, simultaneamente, a uma educação estética e crítica em relação ao meio ambiente” (Spinelli, Zucco & Euzébio, 2020, p. 2), sublinhando que a relação criança-natureza também se constrói através de experiências que educam o olhar, a sensibilidade e a consciência.

Deste modo, a vivência da criança em contacto com a natureza pode ser entendida como um processo que articula desenvolvimento e aprendizagem com intencionalidade pedagógica, sobretudo quando o ambiente é reconhecido como fonte e não apenas como cenário. É neste sentido que “o ambiente age sobre a criança, no que se refere ao desenvolvimento da personalidade e outras características humanas específicas, como

fonte desse desenvolvimento, e não como contexto” (Rocha, Schroeder & Batista, 2023, p. 3). Assim, pensar a natureza como parte do cotidiano educativo implica valorizar experiências vividas, significativas e repetidas ao longo do tempo, nas quais a criança explora, investiga e constrói sentido a partir da interação com o mundo natural.

3. O desenvolvimento da sociedade e a diminuição do contacto com a natureza

Nas últimas décadas, tem-se observado uma tendência crescente para a redução das experiências quotidianas das crianças em ambientes naturais, com rotinas cada vez mais centradas em espaços interiores e em contextos mais organizados e previsíveis. Esta diminuição do contacto direto com a natureza traduz-se, muitas vezes, numa menor frequência de vivências espontâneas com elementos naturais e numa relação mais distante com o mundo, o que torna particularmente relevante voltar a criar oportunidades reais de exploração no exterior.

Neste sentido, a literatura reforça que:

A conexão entre criança e natureza apresenta a importância de que o vínculo com a natureza seja visto como um objetivo valioso para o desenvolvimento infantil e expressa um chamado para o retorno de experiências e vivências em ambientes naturais (Piazza & Stoltz, 2025, p. 17).

Esta realidade é também problematizada por Casanova (2024), ao afirmar que “há o excesso de paredes e, por consequência, crianças emparedadas” (p.938), chamando a atenção para rotinas que tendem a manter as crianças em espaços fechados e, assim, mais afastadas de experiências naturais significativas (Casanova, 2024, p. 938).

Quando o contacto com a natureza se reduz, perde-se parte da riqueza sensorial e da imprevisibilidade própria do ambiente natural, dimensões que sustentam a curiosidade e a exploração infantil. Casanova (2024) sublinha como, no quotidiano da escola da infância, a natureza pode estar presente nas experiências das crianças, alimentando perguntas, investigação e descobertas que nascem da observação e da interação com o meio. Neste sentido, a reaproximação à natureza não se coloca apenas como um “extra”, mas como uma condição que pode fortalecer processos de aprendizagem mais vivos, ligados ao real e ao que a criança observa, sente e manipula (Casanova, 2024).

A necessidade de inverter a diminuição do contacto com a natureza passa, assim, por criar condições na família e nas instituições, para que estas vivências ocorram com regularidade e intencionalidade, respeitando o ritmo da criança e valorizando a exploração como parte do quotidiano educativo (Casanova, 2024; Piazza & Stoltz, 2025).

4. Benefícios e riscos: contacto com a natureza na infância

O contacto regular com a natureza na infância tem sido associado a benefícios relevantes no desenvolvimento global da criança, favorecendo experiências sensoriais ricas e diversificadas e oportunidades de movimento que, pela sua variedade e imprevisibilidade, tendem a mobilizar diferentes dimensões do desenvolvimento. Em contextos exteriores mais naturais, as crianças encontram condições para explorar com o corpo e com os sentidos, enfrentar desafios adequados, experimentar, repetir e construir aprendizagens significativas a partir da interação com o ambiente, o que pode reforçar a curiosidade, a autonomia e o envolvimento (Bilton, Bento & Dias, 2017; Montessori, 2023).

No entanto, apesar do reconhecimento destes benefícios, a literatura evidencia também limitações e obstáculos à integração consistente do exterior nas rotinas educativas. No contexto português, Bento e Portugal referem que “na maioria dos contextos de infância portugueses o espaço exterior não parece ser tão utilizado quanto poderia/deveria e o tempo que as crianças passam nele é extremamente limitado” (Bento & Portugal, 2016, p. 88). Esta constatação é particularmente relevante, porque sugere que as crianças podem estar a aceder a este potencial educativo de forma insuficiente, não por falta de valor do exterior, mas por questões organizacionais e culturais que condicionam a prática.

Entre os fatores que ajudam a compreender esta realidade, surgem preocupações ligadas ao risco e à segurança. As autoras assinalam que “verificava-se uma reduzida tolerância ao risco por parte dos adultos (...) permanentemente alertando para os ‘perigos’ (...)”. (Bento & Portugal, 2016, p. 94). Esta atitude, embora compreensível do ponto de vista da proteção, pode traduzir-se numa tendência para restringir experiências que são importantes para a criança, limitando a exploração, o desafio e a possibilidade de lidar com pequenas incertezas de forma acompanhada e segura.

Acrescenta ainda a dimensão profissional, uma vez que a utilização pedagógica do exterior exige intencionalidade e confiança na ação educativa. Bento e Portugal referem que “a maioria afirma não se sentir tão segura na assunção do seu papel profissional neste contexto” (Bento & Portugal, 2016, p. 85). Este dado aponta para a necessidade de reforçar a formação e o apoio às equipas educativas, de modo que o exterior seja assumido não apenas como tempo de recreio, mas como um espaço educativo com valor curricular, onde o adulto observa, acompanha, desafia e organiza oportunidades de aprendizagem.

Em suma, os benefícios do contacto com a natureza e do brincar ao ar livre são amplamente valorizados, mas a sua concretização regular pode ser limitada por fatores como: o pouco tempo efetivo no exterior, o receio do risco e a insegurança profissional na intervenção pedagógica. Assim, o desafio passa por criar condições para que o espaço exterior seja utilizado de forma mais consistente e significativa, garantindo equilíbrio entre segurança e liberdade, e reconhecendo o exterior como um contexto que pode enriquecer a experiência educativa e o desenvolvimento infantil (Bento & Portugal, 2016; Bilton, Bento & Dias, 2017; Montessori, 2023).

5. A necessidade de a criança brincar no exterior

O brincar deve ser entendido como uma dimensão essencial da infância e, por isso, a sua garantia no quotidiano educativo não pode depender apenas de decisões circunstanciais ou de disponibilidade pontual.

Tomás e Fernandes sublinham esta centralidade ao afirmar que:

Quatro décadas após a Convenção sobre os Direitos da Criança, de 1989, reconhece a importância do brincar na vida das crianças promovendo-o como um direito, o que na nossa opinião poderá ser revelador de uma sólida compreensão da natureza e dos benefícios do brincar (Tomás & Fernandes, 2014, p. 18).

Assumir o brincar como direito implica, necessariamente, criar condições reais para que ele aconteça com qualidade. Nesse sentido, o exterior não deve ser visto como um “extra” ou como um momento apenas recreativo, mas como um contexto que amplia possibilidades de ação e de experiência. A liberdade de movimento, a exploração e o contacto com diferentes materiais e estímulos tornam-se mais acessíveis fora da sala, permitindo à criança envolver-se de forma mais completa, com o corpo e com os sentidos,

em experiências que favorecem bem-estar, curiosidade e aprendizagem (Bilton, Bento e Dias, 2017).

Esta ideia ganha ainda mais pertinência quando se questiona centralidade quase exclusiva do interior no quotidiano das crianças. Como se refere no póster, “Aprisionar as crianças em salas não é a melhor maneira de levá-las aprender.” (Oliveira, Comarú, & Oliveira, 2023). Isto não significa desvalorizar o espaço da sala, mas reconhecer que o desenvolvimento infantil exige alternância de contextos e oportunidades de exploração mais livres, que o exterior proporciona de forma particularmente rica.

Assim, defender a necessidade de brincar no exterior implica articular a dimensão dos direitos com uma perspectiva pedagógica concreta: garantir tempo, espaço e intencionalidade para que a criança possa brincar, mover-se e explorar de forma natural. Quando o exterior é integrado de modo consistente no quotidiano educativo, reforça-se a possibilidade de concretizar o brincar como direito e de promover experiências mais completas para o desenvolvimento global da criança (Tomás & Fernandes, 2014; Bilton, Bento & Dias, 2017; Oliveira, Comarú, & Oliveira, 2023).

6. Crianças com Liberdade Emocional

A possibilidade de brincar ao ar livre e de estar em contacto com ambientes naturais pode ter um impacto significativo no modo como as crianças vivem e expressam as suas emoções. O exterior tende a oferecer um contexto menos fechado e mais livre, permitindo à criança envolver-se com maior espontaneidade, escolher o que explora e orientar a sua ação de acordo com interesses. Nesse sentido, Flores e Nobre referem que “Quando estão na rua, mostra-se outro grupo de crianças; eles estão livres, podem se conduzir conforme seus desejos, mostrando onde querem ir” (Flores & Nobre, 2025, p. 62).

Para além da liberdade de movimento, o ambiente natural pode favorecer experiências emocionais mais autênticas e diversificadas, precisamente porque oferece estímulos variados e situações que convidam à curiosidade, à descoberta e à relação com o outro. Flores e Nobre (2025) sublinham ainda que “o ambiente natural preserva a identidade da criança, estimula as suas capacidades sensoriais e emocionais e promove um aprendizado único e significativo” (p. 49). Estas dimensões ajudam a compreender por que razão o exterior pode ser um espaço particularmente favorável ao bem-estar emocional, ao

permitir que a criança se expresse com maior liberdade, se sinta confiante com as suas escolhas e encontre tempo para explorar ao seu ritmo (Montessori, 2023).

Neste enquadramento, a liberdade emocional não se traduz na ausência de limites, mas na existência de condições para que a criança possa agir, experimentar e relacionar-se com o ambiente de forma significativa, com espaço para lidar com pequenas frustrações, persistir e reorganizar a sua ação. Ao mesmo tempo, reconhecer o brincar como um direito, reforça a necessidade de garantir oportunidades para estas experiências, incluindo no exterior, de modo a respeitar as necessidades de movimento, exploração e expressão emocional próprias da infância (Tomás & Fernandes, 2014; Bilton, Bento & Dias, 2017; Montessori, 2023; Flores & Nobre, 2025).

7. O espaço exterior como contexto educativo

As instituições de educação de infância têm um papel determinante na forma como o exterior e a natureza são integrados no quotidiano das crianças. Esta integração não pode depender apenas do tempo, disponibilidade do momento ou preferência pontual do adulto, devendo resultar de uma intenção pedagógica consistente. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar reconhecem esta responsabilidade ao afirmarem que “O espaço exterior é igualmente um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior.” (Direção-Geral da Educação, 2016, p. 27).

Neste sentido as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar comentam que:

“À semelhança dos espaços interiores, a organização dos espaços exteriores é merecedora de reflexão atenta, tomando em consideração a sua importância ao nível do bem-estar, do brincar e das aprendizagens de bebés e crianças.” (Direção-Geral da Educação, 2024, p. 48).

Esta orientação reforça que, também em creche, o espaço exterior deve ser assumido como contexto educativo e planeado com intencionalidade, criando condições para que os bebés e as crianças possam brincar e explorar em contacto com o mundo natural, de forma segura e significativa, favorecendo o bem-estar, o envolvimento e a qualidade das interações que aí se constroem.

Assumir o exterior como espaço educativo implica, em primeiro lugar, garantir condições concretas para que ele seja vivido com regularidade e significado. Isso passa por planejar tempos no exterior, por organizar espaços que convidem à exploração e ao brincar e por criar rotinas flexíveis que permitam às crianças permanecer, observar e experimentar ao seu ritmo. Implica também reconhecer que o exterior não deve ser entendido apenas como intervalo, mas como um contexto onde se desenvolvem aprendizagens e experiências fundamentais: contacto com materiais naturais, desafios motores ajustados, interações mais livres entre os pares e oportunidades de exploração que dificilmente se replicam no interior com a mesma riqueza.

Esta responsabilidade institucional torna-se ainda mais relevante quando se considera a tendência para rotinas educativas excessivamente centradas na sala e em atividades muito estruturadas. Vasconcelos (2024) chama a atenção para este risco ao referir que “Debatemo-nos também com o perigo de escolarizar precocemente as crianças (...) esquecendo-se de um direito fundamental, o direito a brincar, o direito a explorar livremente o mundo, a natureza, os outros.” (p. 9). Assim, integrar a natureza no quotidiano educativo implica também proteger o brincar e a exploração como dimensões essenciais da infância, evitando que a lógica de escolarização precoce reduza o tempo, o espaço e a liberdade necessários para que estas experiências aconteçam.

Deste modo, a integração da natureza nas instituições educativas exige uma visão pedagógica que valorize o exterior. Um espaço que se organiza, se observa e se acompanha com a mesma importância atribuída ao interior, garantindo oportunidades para brincar, explorar e aprender em contacto com o mundo natural (Direção-Geral da Educação, 2016; Vasconcelos, 2024).

Parte II – Opções Metodológicas

Neste segundo capítulo são mencionados os objetivos e questões de investigação relativos ao estudo em questão, a metodologia que mais se adequa a este mesmo estudo, os participantes da investigação e ainda, os instrumentos, técnicas de recolha de dados observada, a descrição e análise dos dados e a discussão dos resultados.

1. Objetivos da Investigação

A presente investigação surge no âmbito do relatório final de estágio integrado no Mestrado em Educação Pré-Escolar e visa aprofundar a importância do brincar no exterior, no contexto em Creche e Educação Pré-Escolar. Este estudo teve como base a observação de um grupo de crianças com cerca de um ano de idade, e outro grupo de crianças com idades diferentes (3, 4 e 5 anos), os dois contextos num ambiente educativo onde foram proporcionadas experiências com elementos naturais em diferentes contextos: interior e exterior.

Partindo da convicção de que o contacto com a natureza favorece o desenvolvimento integral das crianças, nomeadamente ao nível emocional, sensorial, motor e social, pretendeu-se compreender de que forma a liberdade proporcionada pelo espaço exterior contribui para o bem-estar, a autonomia e a expressão das crianças desde os primeiros anos de vida.

Neste sentido, a questão central que orientou este trabalho foi:

Quais as reações mais frequentes das crianças ao brincar no exterior?

Tendo em conta esta pergunta de partida, foram definidos os seguintes objetivos de investigação:

1. Analisar as reações (expressões faciais, comportamentos e níveis de envolvimento) das crianças a diversos elementos da natureza, tais como relva, areia, folhas ou flores.
2. Analisar de que forma o brincar ao ar livre contribui para o bem-estar das crianças.
3. Compreender como a liberdade de movimento e a exploração do ambiente exterior estimulam a autonomia e a tomada de decisões das crianças, através da análise do discurso das educadoras.

4. Avaliar e perceber as diferenças entre os dois contextos (interior e exterior), destacando os desafios e as oportunidades que o ambiente natural proporciona em comparação com espaços fechados.

Com estes objetivos, pretende-se não só evidenciar os benefícios do brincar em contacto com a natureza, como também incentivar uma maior integração do espaço exterior nas práticas pedagógicas, mesmo em faixas etárias tão precoces como a Creche.

2. Metodologia de Investigação

A escolha metodológica de uma investigação deve estar sempre alinhada com os objetivos definidos. No presente estudo, cujo foco incide sobre as reações das crianças ao brincar no exterior e as implicações pedagógicas dessa experiência no contexto da Creche e da Educação Pré-Escolar, torna-se essencial refletir sobre as abordagens metodológicas possíveis antes de justificar a opção adotada.

Em termos gerais, a investigação pode assumir diferentes orientações, consoante pretenda medir e comparar resultados de forma mais padronizada ou, pelo contrário, compreender significados, processos e experiências no contexto em que ocorrem. Tendo em conta o objeto desta investigação nomeadamente, o brincar ao ar livre por crianças em creche e da educação pré-escolar optou-se por uma metodologia qualitativa, uma vez que se pretende analisar, com profundidade, os comportamentos, emoções e interações das crianças, bem como as perceções das educadoras relativamente à influência do espaço exterior no bem-estar e na autonomia das mesmas.

Esta opção articula-se com o recurso à observação em contexto natural, uma vez que a observação participante se insere no conjunto das metodologias qualitativas e permite uma perspetiva holística e natural das situações estudadas (Mónico et al., 2017). Neste sentido, a presença do investigador no terreno é entendida como parte do próprio processo de recolha de dados, sendo a observação realizada “em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa” (Correia, 1999, p. 31, citado por Mónico et al., 2017, p. 725).

A recolha de dados foi realizada através de grelhas de observação, aplicadas durante atividades em diferentes contextos (interior e exterior), e de entrevistas semiestruturadas

a educadoras, com o objetivo de aceder às suas representações sobre a importância do contacto com a natureza na primeira infância.

Deste modo, a análise dos dados seguirá os princípios da análise temática, tal como descrita por Rosa e Mackedanz (2021). Segundo os autores, a análise temática caracteriza-se pela identificação de padrões de significado recorrentes num conjunto de dados, sejam eles provenientes de textos escritos, discursos orais ou registos observacionais. Esta técnica, pela sua flexibilidade, permite ao investigador organizar e descrever os dados de forma rica e detalhada, sem estar obrigatoriamente vinculado a uma corrente teórica específica.

Rosa e Mackedanz (2021) destacam que este tipo de análise envolve várias etapas, nomeadamente: a familiarização com os dados; a codificação inicial; a procura por temas; a revisão e definição dos temas; e, por fim, a elaboração do relatório de análise. Esta metodologia é particularmente pertinente na área da educação, dado o seu potencial para captar a complexidade das práticas pedagógicas e das experiências vividas pelas crianças e pelos profissionais.

Através desta abordagem metodológica, espera-se compreender de forma aprofundada como o brincar no exterior contribui para o desenvolvimento global das crianças em contexto de creche e educação pré-escolar, assim como refletir sobre o papel dos educadores na promoção de experiências significativas em ambientes naturais.

3. Contextos e participantes da Investigação

A investigação foi realizada em dois contextos diferentes. Inicialmente, no estágio em contexto de berçário, numa Creche que pertence a uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). Esta instituição distingue-se por um projeto educativo com forte orientação humanista e inovadora, inspirando-se em abordagens pedagógicas como Reggio Emilia, High Scope e o Movimento da Escola Moderna. Valoriza a criança como um sujeito ativo na construção do conhecimento, promovendo o brincar livre, a exploração do meio envolvente e a expressão através da arte e da cultura.

De seguida foi realizada também a investigação no estágio em educação pré-escolar numa sala mista, cuja proposta educativa reconhece a criança como ativa, competente e investigadora, alicerçada num modelo socio-crítico e numa pedagogia da consideração pela criança, o Projeto Educativo articula a Metodologia de Projeto, o referencial High-

Scope, a filosofia Reggio Emilia e os princípios do Movimento da Escola Moderna, promovendo investigação a partir de situações reais, organização do espaço e rotinas que fomentam autonomia, valorização das múltiplas linguagens e participação da comunidade, o que sustenta práticas em que o adulto se assume como parceiro e mediador da aprendizagem.

3.2. Caracterização dos grupos de crianças

Inicialmente a investigação decorreu na sala de berçário, composta por nove crianças, das quais cinco são meninas e quatro são meninos, com idades próximas de um ano. Apesar da proximidade etária, registam-se diferenças naturais no ritmo de desenvolvimento, nomeadamente ao nível motor, comunicacional e emocional. No plano motor, quatro crianças já caminhavam autonomamente, três estavam em fase de transição e duas ainda não tinham adquirido essa competência. A nível linguístico, a maioria do grupo comunicava através de palavras simples, como “mamã”, “papa” ou “olá”, acompanhadas de vocalizações, expressões faciais e gestos que revelavam intenção comunicativa.

O grupo caracteriza-se por uma grande curiosidade na interação com o meio, com particular interesse por materiais sensoriais e naturais. As atividades de leitura de histórias e as experiências ao ar livre, revelaram-se momentos de elevada concentração e envolvimento, observando-se um forte interesse pela narrativa e pela descoberta sensorial. De um modo geral, as crianças demonstraram vontade de explorar, partilhar e comunicar, apesar de ainda dependerem do adulto para as rotinas do dia a dia.

De seguida, temos a segunda parte da investigação que se realizou numa sala mista de educação pré-escolar. O grupo é composto por vinte e quatro crianças, oito meninas e dezasseis meninos, com idades entre os dois e os cinco anos. Duas crianças de dois anos, seis de três anos, doze de quatro anos e quatro de cinco anos. A heterogeneidade etária e de desenvolvimento, constitui uma mais-valia pedagógica, favorecendo aprendizagens entre os pares, observação e imitação dos mais novos aos mais velhos, e assumindo-se como fator estimulador da autonomia, da linguagem e das competências sociais. As crianças manifestam curiosidade, envolvimento nas propostas e preferência por áreas simbólicas, como a casinha e as construções, mostrando interesse por histórias, música e expressão plástica, e as dinâmicas de entreatajuda e apoio espontâneo entre idades.

Embora o grupo de berçário fosse composto por nove crianças, nem todas foram incluídas em todas as observações realizadas. A seleção dos momentos de observação teve em conta a disponibilidade emocional das crianças, o seu interesse espontâneo pelas atividades propostas e a dinâmica natural da rotina da sala. Desta forma, privilegiaram-se situações de envolvimento ativo, respeitando o ritmo individual e a pedagogia da escuta, fundamental neste contexto etário.

No contexto de educação pré-escolar, embora o grupo fosse composto por vinte e quatro crianças, selecionaram-se para a observação detalhada, três crianças, uma de três anos, uma de quatro anos e uma de cinco anos, com o objetivo de permitir diversificar entre as idades e de aprofundar a análise das diferenças no envolvimento, na autonomia e nas estratégias de exploração do meio exterior. A escolha dos momentos de observação respeita a disponibilidade emocional das crianças, o interesse espontâneo nas propostas, a dinâmica natural da rotina e a pedagogia da escuta, privilegiando situações de envolvimento ativo e significativa pertinência para os objetivos do estudo.

3.3. Participação das educadoras de infância

Paralelamente às observações realizadas com as crianças, procedeu-se à realização de uma entrevista semiestruturada à Educadora de Infância da sala do Berçário onde se realizou a investigação, com o objetivo de recolher a sua perspetiva sobre o impacto do brincar ao ar livre no bem-estar, na autonomia e no desenvolvimento global das crianças. Esta foi gravada em áudio, com a devida autorização da participante, sendo utilizada exclusivamente para fins da investigação em estudo. Esse procedimento permitiu uma análise mais rigorosa e detalhada das respostas, garantindo a fidelidade dos dados recolhidos, sempre em conformidade com os princípios éticos da pesquisa. A gravação áudio possibilita uma transcrição fidedigna e uma análise temática mais rigorosa, garantindo que as interpretações se apoiam nas palavras exatas da pessoa entrevistada; por razões de confidencialidade e organização documental, o texto integral da entrevista surge em anexo e aqui procede-se apenas a uma breve contextualização metodológica, sem reprodução do conteúdo.

No estágio em educação pré-escolar foi realizada uma entrevista semiestruturada à Educadora titular da sala mista, com o propósito de recolher a sua perspetiva sobre o impacto do brincar ao ar livre no bem-estar, na autonomia e no desenvolvimento global

das crianças, bem como sobre as implicações da heterogeneidade etária na organização das propostas. O guião da entrevista foi elaborado de modo a garantir coerência com os eixos da investigação, assumindo-se esta entrevista como uma fonte complementar e integradora dos dados observacionais.

4. Questões Éticas

A participação das crianças nesta investigação foi autorizada pelas Educadoras titulares do grupo, em concordância com as famílias, mediante o compromisso de não identificação individual nem exposição de imagens em que os rostos estivessem visíveis. Esta autorização foi obtida no decurso das interações diárias no contexto de estágio, por via informal e oral, tendo sido assegurado que todas as observações respeitaram os princípios de confidencialidade, anonimato e proteção da identidade das crianças.

5. Instrumentos e técnicas de recolha de dados

No âmbito desta investigação de carácter qualitativo, foram utilizados dois instrumentos principais para a recolha de dados: as Grelhas de Observação Sistemáticas e duas Entrevistas Semiestruturadas. A escolha destes instrumentos justifica-se pela natureza do estudo e pelos objetivos definidos, permitindo uma recolha de dados rica, contextualizada e adequada à análise das experiências vividas pelas crianças em contacto com elementos naturais.

As grelhas de observação foram aplicadas ao longo dos estágios. No início foram desenvolvidas cinco atividades com o grupo de crianças do berçário, em diferentes momentos do estágio, quer no interior da sala, quer no espaço exterior da instituição. Cada grelha foi estruturada em duas partes: uma centrada na reação emocional das crianças perante os elementos naturais, e outra focada no seu grau de implicação e autonomia durante as atividades. As duas primeiras grelhas foram aplicadas em atividades realizadas no interior, por se tratar de uma fase inicial do semestre em que as crianças ainda apresentavam pouca mobilidade e em que as condições climáticas, próprias do inverno, não permitiam a utilização do espaço exterior. Apesar disso, os materiais utilizados foram naturais, criando-se ambientes sensoriais que possibilitaram um primeiro contacto estruturado com a natureza. As três atividades seguintes decorreram no exterior, o que

permitiu observar diferenças significativas no comportamento das crianças, especialmente ao nível do envolvimento, da liberdade de ação e do bem-estar.

No enquadramento metodológico da educação pré-escolar, na sala mista, utilizam-se igualmente grelhas de observação sistemáticas e uma entrevista semiestruturada como instrumentos centrais. Foram utilizadas as mesmas grelhas que foram usadas no contexto do berçário, tendo-se procedido a alterações e adaptações específicas para a faixa etária da educação pré-escolar, de modo a tornar os indicadores e as categorias pertinentes para crianças entre os três e os cinco anos. Encontram-se, assim, as tabelas de observação, adaptadas às características da sala mista, que permitem registar o grau de implicação, a iniciativa, a autonomia das crianças, as manifestações emocionais em contacto com elementos naturais e as interações entre pares de idades diferentes. As grelhas são aplicadas em momentos variados, no interior e no exterior da instituição, e complementarmente realizou-se uma entrevista à Educadora Titular para articular evidência observacional e perspetiva profissional, possibilitando uma análise diversificada entre os contextos do berçário e da educação pré-escolar.

Parte III – Apresentação e análise dos dados

1. Análise das entrevistas

Nesta secção procede-se à análise das entrevistas realizadas às educadoras de Creche e de Educação Pré-Escolar. A análise incide sobre as perceções das profissionais relativamente ao brincar no exterior, procurando identificar de que forma estas reconhecem o seu contributo para o bem-estar, a autonomia e o desenvolvimento das crianças. A partir das respostas obtidas, serão destacados os principais temas emergentes, articulando-os com os objetivos da investigação e com o enquadramento teórico anteriormente apresentado.

1.1 Análise da entrevista à educadora do contexto de Creche

Na entrevista realizada à Educadora de Infância do contexto de creche/berçário (41 anos, 19 anos de experiência), emerge uma visão consistente sobre o valor educativo do brincar ao ar livre, sublinhando-se que o exterior é um contexto desejável e que gostaria de o utilizar por mais tempo. Ao longo das respostas, a Educadora associa o exterior a um impacto positivo no quotidiano do berçário, tanto ao nível do bem-estar como ao nível da autonomia, destacando que “o exterior dá-lhes mais espaço e liberdade de movimento, o que lhes permite estarem mais confortáveis e explorar com maior tranquilidade”.

No que se refere ao Objetivo 2 (Analisar de que forma o brincar ao ar livre contribui para o bem-estar das crianças), a educadora descreve mudanças imediatas no estado emocional das crianças quando passam do interior para o exterior, referindo um aumento de tranquilidade e uma diminuição da agitação. Esta ideia surge repetidamente ao longo da entrevista e é acompanhada por um efeito prolongado após o regresso à sala, uma vez que, segundo a educadora, “Notas imediatamente que as crianças ficam mais tranquilas. Mesmo quando estão mais agitadas dentro da sala, ao irem para o exterior tendem a acalmar, e esse efeito mantém-se no regresso.” Esta observação reforça a noção de que o exterior não beneficia apenas o momento do brincar em si, mas também o funcionamento do grupo posteriormente, funcionando como uma estratégia natural de autorregulação e de equilíbrio emocional no dia a dia do berçário. A educadora salienta ainda que o exterior contribui para um humor mais positivo, embora reconheça que, dependendo da

organização e do momento, pode existir maior excitação; ainda assim, a ideia central mantém-se: com bom senso e ajustamento às necessidades do grupo, o exterior tende a apoiar a regulação emocional e o bem-estar.

O bem-estar é também referido numa dimensão social. A educadora reconhece que, no berçário, predominam frequentemente dinâmicas de jogo paralelo, mas considera que o exterior cria oportunidades para outras formas de relação entre os pares, através de aproximações simples, imitação, seguir o outro e brincadeiras de esconder e aparecer. Mesmo sem uma brincadeira cooperativa prolongada, estas interações iniciais são relevantes para o bem-estar, pois aumentam a proximidade e a partilha de atenção, promovendo relações mais ricas e diversificadas. A educadora acrescenta ainda que o contacto regular com a natureza proporciona experiências sensoriais amplas (novas texturas, temperaturas, cheiros e sons), o que, para crianças pequenas, constitui uma via central de prazer, curiosidade e aprendizagem, contribuindo para um equilíbrio emocional mais estável.

Nesse sentido, sublinha que:

Estar ao ar livre e em contacto com elementos naturais proporciona experiências sensoriais muito ricas, diferentes das que existem no interior: as crianças exploram novas texturas, temperaturas, cheiros e sons, o que estimula a curiosidade e a aprendizagem através do corpo e dos sentidos.

Relativamente ao Objetivo 3 (Compreender como a liberdade de movimento e a exploração do ambiente exterior estimulam a autonomia e a tomada de decisões das crianças do berçário), as respostas reforçam que a autonomia, nesta faixa etária. A educadora descreve que, quando o exterior é vivido com tempo e liberdade, surgem comportamentos de maior observação, curiosidade e iniciativa: as crianças escolhem para onde se deslocar, o que tocar e por quanto tempo permanecer numa experiência. Esta autonomia está diretamente ligada à liberdade de movimento, mas também à possibilidade de explorar ao ritmo de cada criança, reconhecendo-se que, mesmo num grupo da mesma idade, existem ritmos e níveis de desenvolvimento muito diferentes, o que se traduz em formas distintas de explorar (crianças que se deslocam com mais autonomia e crianças que exploram mais a partir da posição sentada, do olhar e do toque).

A este propósito, a educadora sintetiza que:

No berçário, a autonomia constrói-se através de pequenas escolhas e iniciativas: decidir para onde ir, o que tocar, quanto tempo permanecer num material, repetir ações e experimentar de forma livre, com o adulto a garantir segurança e a acompanhar sem dirigir constantemente.

A entrevista evidencia também a importância do adulto como mediador desta autonomia. A educadora sublinha que o papel do educador é garantir segurança e, simultaneamente, criar oportunidades de descoberta para todas as crianças, aproximando materiais e proporcionando experiências sensoriais adequadas, sobretudo às que ainda não têm mobilidade autónoma. Este aspeto é relevante porque mostra que a autonomia no berçário não se reduz a “deixar fazer”, mas implica uma organização intencional do ambiente e uma mediação sensível, que dá margem de escolha sem comprometer o cuidado e a segurança. A educadora identifica ainda preferências por espaços e objetos, explicando que algumas crianças procuram zonas mais amplas para se deslocarem e outras preferem cantos mais resguardados, o que reforça a ideia de tomada de decisão e autorregulação: escolher onde estar e como explorar é, por si só, uma forma inicial de autonomia.

De um modo geral, a entrevista sustenta de forma coerente os dois objetivos em análise. Para o Objetivo 2, a educadora descreve o exterior como um contexto que promove tranquilidade, melhor disposição e maior disponibilidade do grupo para atividades posteriores, além de favorecer experiências sensoriais e sociais importantes para o bem-estar no berçário. Para o Objetivo 3, destaca-se que a liberdade de movimento e a exploração ao ritmo da criança potenciam iniciativa, curiosidade e pequenas decisões autónomas, desde a escolha de percursos e materiais até à persistência na exploração, sendo o adulto um facilitador essencial para que esta autonomia se desenvolva de forma segura e significativa. (*Ver anexo 1, a*).

1.2. Análise da entrevista à educadora do contexto de Educação Pré-Escolar

Na entrevista realizada à educadora de educação pré-escolar, fica evidente uma valorização muito clara do brincar ao ar livre enquanto dimensão estruturante do quotidiano educativo. Ao longo das respostas, a educadora descreve o exterior como um contexto que potencia bem-estar, equilíbrio emocional e envolvimento, enquanto amplia

oportunidades de autonomia, escolha e aprendizagem ativa. Esta perspetiva revela-se coerente com os objetivos de investigação, porque a educadora não se limita a referir vantagens gerais: explica também de que forma essas vantagens se manifestam no dia a dia e que mudanças observa no comportamento do grupo quando as crianças têm acesso regular ao exterior. Nesse sentido, refere: “Sim, sem dúvida, quando as crianças têm oportunidade de ir para o exterior, observo mudanças significativas: sinto-as mais tranquilas, mais motivadas e mais felizes.”

Relativamente ao Objetivo 2, a educadora aponta para mudanças significativas no bem-estar das crianças quando brincam ao ar livre, referindo que as observa mais tranquilas, mais motivadas e mais felizes. O exterior surge associado à possibilidade de libertar energia e de usufruir de um contacto direto com a natureza, que, na sua visão, promove bem-estar emocional e físico. A educadora destaca ainda que este efeito não se esgota no momento em que as crianças estão fora: no regresso à sala, identifica-as como mais relaxadas e mais predispostas para as atividades do quotidiano. Esta continuidade do efeito sugere que o exterior funciona como um regulador do clima emocional do grupo, com impacto na capacidade de concentração e na disponibilidade para participar em propostas orientadas. A entrevista reforça esta ideia ao referir exemplos de autorregulação: após um momento no exterior, “Depois de um momento no exterior, o grupo revela mais tranquilidade e maior capacidade de concentração.”

A educadora acrescenta que o entusiasmo por ir para o exterior se associa também a uma maior capacidade de lidar com pequenas frustrações e a maior cooperação, indicando que o bem-estar promovido pelo exterior tem expressão emocional e comportamental. Surge ainda a noção de que o brincar lá fora “renova” as crianças ao longo do dia, tornando-as mais alegres, tolerantes e participativas, e levando a um maior empenho e motivação nas atividades, o que aponta para um efeito transversal no envolvimento global. A este propósito, a educadora afirma: “Sem dúvida. Como referi anteriormente, brincar lá fora deixa-os mais felizes, mais predispostos, mais alegres e tolerantes, e também mais participativos.”

No domínio relacional, a educadora identifica impacto positivo do exterior nas relações interpessoais, sublinhando que o maior espaço disponível facilita a interação em grande grupo e a cooperação entre pares. Neste sentido, o exterior é apresentado como contexto promotor de partilha, negociação de regras e respeito pelo outro, contribuindo para o desenvolvimento de empatia, sentido de pertença e fortalecimento de laços sociais.

Ao articular o bem-estar com estes aspetos de convivência e participação, a educadora reforça que o brincar ao ar livre não se limita a benefícios individuais, mas influencia a qualidade das dinâmicas do grupo.

Relativamente ao Objetivo 3, adaptado à educação pré-escolar, as respostas evidenciam que a liberdade de movimento e a exploração do ambiente exterior são fatores que favorecem a autonomia e a tomada de decisões. A educadora descreve que, quando as crianças podem explorar com calma e ao seu ritmo, tornam-se mais motivadas, curiosas, ativas e autónomas. A autonomia é apresentada de forma concreta: as crianças escolhem onde querem estar, decidem o que querem fazer, exploram materiais e espaços livremente e, a partir dessas escolhas, tornam-se mais seguras e confiantes. Esta leitura coloca a tomada de decisão como um processo quotidiano, alimentado pela liberdade de ação e pela possibilidade de experimentar, insistir, ajustar e descobrir. Neste sentido, destaca: “Quando as crianças têm liberdade para explorar o espaço exterior com calma e ao seu ritmo, noto que se tornam mais motivadas e são naturalmente mais curiosas, ativas e autónomas.”

A educadora reforça ainda que, em situações de maior agitação ou frustração no interior, a ida ao exterior facilita a autorregulação, porque permite correr livremente e libertar energia, levando a maior calma e concentração. Esta relação entre movimento e regulação emocional é relevante para o objetivo, porque mostra que a autonomia não é apenas escolher atividades, mas também gerir o próprio corpo e os próprios estados emocionais, tornando-se mais disponível para interagir e cooperar. Ao descrever movimentos espontâneos (correr, saltar, rebolar, tocar na terra e nas plantas, observar animais, sentir o vento e o sol), a educadora evidencia o papel do corpo e dos sentidos na exploração do mundo, o que sustenta a ideia de que o exterior oferece condições únicas para aprendizagens significativas e para a tomada de decisões baseada na curiosidade e na experimentação.

A entrevista aponta também para preferências individuais na utilização do espaço: algumas crianças procuram zonas amplas para correr e saltar, enquanto outras preferem cantos para explorar terra, paus, pedras e folhas, integrando esses elementos em brincadeiras criativas. Estas escolhas reforçam a autonomia como capacidade de orientar a própria ação, seleccionar espaços e materiais e construir sentidos a partir do que o ambiente oferece. Por fim, a educadora sintetiza esta perspetiva ao contrapor exterior e interior: considera que o exterior proporciona maior liberdade de ação, escolha e

experimentação, enquanto o interior é mais estruturado; no exterior, as crianças enfrentam pequenos desafios, resolvem problemas, assumem riscos adequados e aprendem com as suas experiências, o que consolida a autonomia e a responsabilidade.

No conjunto, a entrevista sustenta de forma consistente os objetivos em análise. Para o Objetivo 2, o exterior é descrito como promotor de bem-estar global, tranquilidade, motivação, melhor disposição, maior capacidade de concentração e relações interpessoais mais positivas. Para o Objetivo 3, a educadora evidencia que a liberdade de movimento e a exploração do ambiente exterior favorecem escolhas, iniciativa, confiança, criatividade e capacidade de decisão, contribuindo para uma autonomia construída no quotidiano através da ação e da experiência direta. (*Ver anexo 1, b*).

2. Análise das observações em contexto de Creche

Nesta parte apresenta-se a análise dos dados recolhidos através das grelhas de observação, aplicadas durante as atividades realizadas em contexto de interior e exterior, tanto em Creche como em Educação Pré-Escolar. A análise incide sobre os comportamentos, interações e manifestações emocionais observadas nas crianças, procurando identificar padrões e diferenças entre os contextos. Pretende-se, assim, compreender de que forma o espaço exterior influencia o bem-estar, a autonomia e a dinâmica do grupo, articulando os dados empíricos com os objetivos definidos para o estudo.

2.1. O jardim na nossa sala!

Na 1.^a atividade em Creche, “O jardim na nossa sala!” (01/04/2025), a proposta foi realizada no interior devido às condições meteorológicas. Este facto é relevante para a interpretação dos dados, porque a sala de berçário limita o movimento e aumenta a proximidade entre as crianças, o que tende a intensificar a agitação do grupo e a reduzir a possibilidade de uma exploração calma e prolongada. Assim, a atividade permite observar simultaneamente as reações das crianças aos elementos naturais e o modo como um contexto interior mais estimulante pode condicionar a implicação e a autonomia durante a exploração.

Relativamente ao 1.º objetivo (analisar as diferentes reações das crianças perante elementos da natureza), os registos evidenciam respostas distintas ao contacto com folhas,

flores, terra e relva, desde atitudes mais reflexivas até exploração ativa. Verifica-se que, para algumas crianças, o primeiro contacto foi sobretudo observacional antes de se aproximarem do material, como se observa no MG (*ver imagem 1*).



Imagem 1 - Caixas com elementos naturais

Em termos globais, no conjunto das sete crianças observadas, cinco revelaram reações maioritariamente positivas (curiosidade/alegria), uma manifestou indiferença e uma evidenciou desconforto com recusa. Esta distribuição é relevante porque indica que os elementos naturais tendem a mobilizar interesse na maioria do grupo, mesmo quando o contexto não favorece uma exploração tranquila; no entanto, evidencia também que a proposta pode gerar resistência em algumas crianças, sobretudo quando a novidade sensorial ocorre num ambiente com maior densidade de estímulos.

A análise ganha consistência quando se cruza esta diversidade de reações com os indicadores de implicação e autonomia. Ao nível da implicação, registaram-se dois casos de implicação intensa (nível 4), um caso de implicação moderada (nível 3) e quatro casos de implicação leve (nível 2). Ou seja, a maioria manteve um envolvimento mais superficial, o que é compatível com um interior mais agitado e com menor espaço para sustentar a atenção e a exploração. Este dado permite uma leitura menos vaga do “efeito do interior”: em vez de se afirmar apenas que “condicionou”, consegue-se mostrar que o envolvimento do grupo se concentrou sobretudo em níveis mais baixos de implicação.

Apesar disso, os casos de maior implicação são particularmente importantes porque demonstram que os materiais naturais mantêm potencial de mobilização mesmo em

interior. Um exemplo claro é o DU, que conduziu a exploração com elevada iniciativa e envolvimento, manipulando os materiais de forma espontânea e evidenciando bem-estar durante a atividade (*ver imagem 2*).

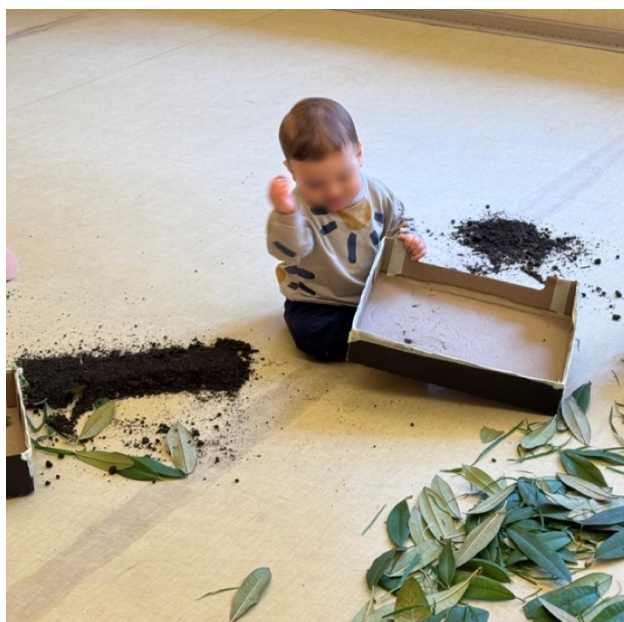


Imagem 2 - Criança a brincar com a terra

A MT constitui outro exemplo pertinente, sobretudo pelo processo de aproximação e consolidação do contacto, passando de um envolvimento inicial mais contido para uma participação mais segura e continuada (*ver imagem 3*).



Imagem 3 - Criança a brincar com a relva

Estes exemplos sustentam uma interpretação crítica: o interior pode reduzir a implicação média do grupo, mas não elimina a possibilidade de exploração significativa, sobretudo em crianças mais disponíveis para a novidade sensorial.

Importa ainda reconhecer que a implicação pode assumir estilos diferentes, o que torna a análise mais fina e menos “avaliativa”. O MI, por exemplo, evidenciou interesse consistente, mas com um estilo de exploração mais regulado e cuidadoso. Isto sugere que a implicação não depende apenas de comportamentos expansivos; pode traduzir-se também numa exploração mais delicada e atenta. Essa diferença de estilos é particularmente visível no momento em que o MI e o DU exploram em simultâneo, permitindo observar duas formas de envolvimento com o mesmo material (*ver imagem 4*).



Imagem 4 - Uma criança a brincar com a terra e a outra criança a observar

Esta leitura ajuda a evitar interpretações simplistas e reforça que a qualidade da participação pode ser avaliada não apenas pela intensidade, mas também pela atenção sustentada, pela persistência e pela forma como a criança regula o contacto com o material.

No que respeita ao 4.º objetivo (avaliar e perceber diferenças entre interior e exterior), esta grelha permite caracterizar o interior, neste dia, como um contexto que condicionou a qualidade da exploração, sobretudo ao nível da implicação média do grupo (predomínio de implicação leve) e da autonomia. Em termos de autonomia, três crianças iniciaram e conduziram a própria atividade, enquanto uma necessitou de assistência frequente, o que

sugere que, em interior, a participação pode tornar-se mais dependente do adulto para algumas crianças. Ao mesmo tempo, a existência de exploração em simultâneo entre DU e MI aponta para potencial de atenção conjunta e aproximações sociais, mesmo que a brincadeira permaneça predominantemente paralela, o que é típico nesta faixa etária. Assim, esta atividade permite sustentar que o interior, quando associado a maior agitação e menor espaço, tende a ampliar diferenças individuais: as crianças mais recetivas sustentam exploração e autonomia, enquanto as mais sensíveis à sobrecarga ou menos disponíveis podem necessitar de maior previsibilidade e mediação para participar.

Em síntese, esta 1.^a grelha sustenta o 1.º objetivo ao evidenciar reações diversas perante elementos naturais, mostrando que o mesmo material pode gerar exploração intensa, aproximação gradual, observação periférica ou recusa, consoante o conforto sensorial e a disponibilidade da criança. Sustenta também o 4.º objetivo ao indicar que a realização em interior, com menor espaço e maior estímulo, se associa a uma maior proporção de implicação leve e a maior variabilidade na autonomia, ainda que não elimine casos de forte envolvimento. Os dados reforçam, assim, a importância de condições de implementação (organização do espaço, tempo de exploração e mediação do adulto) para que a experiência seja mais acessível e consistente para todo o grupo, sobretudo em contexto de berçário.

2.2. Exploração das folhas com o retroprojektor

Na atividade “Exploração das folhas com o retroprojektor” (07/04/2025), realizada em contexto interior na sala de berçário, a introdução de um recurso menos habitual, o retroprojektor e o efeito visual das sombras projetadas constituíram uma variável relevante para a interpretação dos dados. A reação das crianças não pode ser lida apenas como resposta ao elemento natural (folhas), mas também como resposta ao estímulo visual acrescido, que aumentou a novidade e a imprevisibilidade do ambiente. Este fator ajuda a compreender a coexistência de curiosidade e receio no mesmo grupo, bem como diferentes formas de participação, desde a observação atenta até ao contacto direto.

Relativamente ao 1.º objetivo (analisar as diferentes reações das crianças perante elementos da natureza), os dados mostram uma distribuição clara entre envolvimento positivo e respostas de desconforto/baixa adesão. Em termos quantitativos, três das cinco crianças observaram-se maioritariamente alegres e curiosas (MT, DU e DN), uma

manifestou medo e frustração (CM) e uma evidenciou indiferença com contacto breve (MN). Esta distribuição é significativa: embora a maioria mantenha interesse pelas folhas, a presença das sombras parece ter introduzido um fator de perturbação que afetou parte do grupo.

A análise dos níveis de implicação reforça esta leitura. Registaram-se dois casos de implicação intensa (nível 4: MT e DN), um caso de implicação moderada (nível 3: DU), um caso de implicação leve (nível 2: CM) e um caso de não implicação (nível 1: MN). Apesar do estímulo visual adicional, observa-se que algumas crianças mantiveram disponibilidade para explorar e conduzir a própria ação. O DU, por exemplo, demonstra curiosidade e envolvimento ao aproximar-se e observar atentamente a folha, evidenciando disponibilidade para o contacto com o material (*ver imagem 5*).



Imagem 5 - Crianças a explorar as folhas

No caso da MT, destaca-se uma exploração cuidadosa, visível quando manipula a folha com movimento de pinça, o que sugere atenção à textura e um estilo de exploração mais regulado e preciso (*ver imagem 6*).



Imagem 6 - Crianças a explorarem as sombras

Estes exemplos mostram que a implicação pode manifestar-se tanto na observação focada como no contacto direto com o material, sem depender necessariamente de comportamentos expansivos.

Ao mesmo tempo, a atividade evidencia que o estímulo das sombras orienta a atenção das crianças e pode funcionar como foco de interesse em si mesmo. Isso observa-se quando o DN e a MT se mantêm a observar as sombras, revelando envolvimento visual e curiosidade perante o efeito projetado (*ver imagem 7*).



Imagem 7 - Crianças a explorarem as sombras

Este dado é relevante porque sugere que, nesta proposta, parte do envolvimento pode deslocar-se do elemento natural para o fenómeno visual, o que ajuda a explicar por que motivo algumas crianças exploram menos as folhas com as mãos, apesar de se manterem implicadas na situação.

Em contraste, os casos de desconforto e de baixa adesão permitem compreender os limites da atividade em interior quando se introduz um estímulo visual intenso. A CM apresenta medo das sombras, afasta-se e necessita de assistência frequente, o que sugere que a recusa não está necessariamente associada às folhas, mas ao ambiente criado pelo retroprojektor. O MN, embora chegue a tocar nas folhas, fá-lo por pouco tempo e mantém-se sobretudo a observar, evidenciando não implicação, o que pode traduzir menor disponibilidade para explorar num contexto em que a novidade compete com o interesse pelo material. Estes dados apontam para o impacto da sobrecarga sensorial: quando o ambiente introduz um estímulo inesperado, parte do grupo pode reduzir a exploração direta e aumentar a dependência do adulto.

No que respeita ao 4.º objetivo (avaliar e perceber diferenças entre contextos), esta grelha permite caracterizar o interior, associado a um recurso tecnológico, como um contexto potencialmente ambivalente. Por um lado, há crianças que mantêm níveis moderados a intensos de implicação e autonomia, conseguindo explorar e permanecer envolvidas, como se observa quando a MT observa e toca nas folhas, combinando atenção visual e contacto direto (*ver imagem 8*).



Imagem 8 - Criança a explorar as folhas e as sombras

Por outro, verifica-se que o mesmo contexto pode aumentar o receio e reduzir a exploração manual em algumas crianças, o que reforça a ideia de que a introdução de estímulos visuais fortes tende a ampliar diferenças individuais na forma como a experiência é vivida.

Em síntese, esta atividade sustenta o 1.º objetivo ao evidenciar respostas diversas perante o mesmo elemento natural, desde exploração atenta e regulada até medo/frustração e contacto muito breve. Sustenta igualmente o 4.º objetivo ao mostrar que, em interior, a introdução de estímulos visuais intensos pode aumentar o receio em parte do grupo e reduzir a interação direta com o material, embora outras crianças mantenham níveis moderados a intensos de implicação e autonomia. de envolvimento para a maioria do grupo.

2.3. Vamos explorar a natureza com materiais não estruturados

Na atividade “Vamos explorar a natureza com materiais não estruturados” (28/04/2025), realizada no jardim ao ar livre, o contexto exterior assume um papel determinante na organização do comportamento do grupo. Embora a proposta não se centre em elementos naturais preparados especificamente para exploração, a relva, o espaço aberto e a presença de materiais não estruturados criam condições mais favoráveis para iniciativa, movimento e exploração espontânea. De forma geral, observa-se uma

participação mais livre e um envolvimento globalmente positivo, o que é visível quando várias crianças exploram em simultâneo os materiais no exterior.

Relativamente ao 1.º objetivo (analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza), os registos apontam para uma predominância de respostas positivas no exterior. Em termos quantitativos simples, 6 das 7 crianças evidenciaram alegria (DN, MI, CM, DU, MT e MN), enquanto a MJ não apresenta alegria assinalada. A curiosidade surge nas 7 crianças (DN, MI, CM, DU, MT, MJ e MN) e a surpresa aparece em 4 (DN, MI, CM e MJ). Este padrão sugere que o jardim tende a facilitar o envolvimento emocional positivo e a predisposição para explorar, mesmo quando os materiais são não estruturados.

A leitura torna-se mais sólida quando se observa a ação corporal: todas as crianças exploraram com as mãos, o que confirma adesão generalizada à exploração sensorial e motora no exterior. Ainda assim, a forma de participação não é uniforme.

A CM, por exemplo, evidencia uma participação mais centrada na observação atenta, o que se torna particularmente visível quando se mantém a observar o instrumento musical (*ver imagem 9*).



Imagem 9 - Criança a brincar no exterior

Já o DU revela um estilo de exploração mais ativo e corporal, com procura de desafio e iniciativa no espaço, observável quando sobe a uma caixa (*ver imagem 10*).



Imagem 10 - Criança a brincar com a caixa

Estes contrastes ajudam a reforçar a análise: o exterior favorece a exploração, mas mantém diferentes estilos de envolvimento (mais observacional e cauteloso versus mais motor e exploratório), o que é consistente com ritmos e níveis de segurança diferentes.

O caso do MN é especialmente relevante para o objetivo, porque na grelha é referido que “costuma chorar muito dentro da sala”, mas no exterior “estava muito bem disposto”. Esta mudança de estado emocional é importante para interpretar o impacto do contexto: sugere que o exterior pode funcionar como facilitador de bem-estar e de regulação emocional, aumentando a disponibilidade para explorar e para se relacionar com o ambiente. A imagem do MN a tocar numa árvore ilustra essa aproximação ao meio natural e a exploração tranquila do espaço (*ver imagem 11*).



Imagem 11 - Criança feliz na natureza

No 4.º objetivo (avaliar e perceber as diferenças entre contextos, exterior e interior), esta grelha fornece indicadores comparativos objetivos através da implicação e da autonomia. Ao nível da implicação, 3 crianças apresentam implicação intensa (nível 4: DN, DU e MT), 2 apresentam implicação moderada (nível 3: MI e MJ) e 2 apresentam implicação leve (nível 2: CM e MN). Assim, 5 das 7 crianças situam-se entre implicação moderada e intensa, o que sustenta, de forma mais rigorosa, que o exterior tende a favorecer um envolvimento mais elevado. Ao nível da autonomia, 4 crianças iniciam e conduzem a própria atividade (DN, MI, DU e MT), enquanto 3 recorrem sobretudo à imitação (CM, MJ e MN). Importa sublinhar que o exterior não elimina necessidades de suporte: a MJ requer assistência frequente e a estagiária teve de ajudar na exploração, e o MN procura ajuda quando necessário. Também é relevante notar que a MT surge com dupla marcação (inicia e conduz a própria atividade e, simultaneamente, imita ações dos outros), o que pode indicar alternância entre iniciativa própria e aprendizagem por observação/imitação.

Em síntese, esta atividade sustenta o 1.º objetivo ao evidenciar reações globalmente positivas e exploração manual generalizada no exterior, mostrando que o espaço aberto e o ambiente natural favorecem curiosidade, bem-estar e diferentes formas de participação. Contribui também para o 4.º objetivo ao apresentar dados comparativos concretos: no

jardim, observa-se maior proporção de implicação moderada/intensa e maior autonomia em parte do grupo, ainda que persistam variações individuais (observação mais marcada, recurso à imitação e necessidade de assistência em alguns casos). No conjunto, os resultados reforçam o exterior como contexto facilitador de bem-estar, disponibilidade corporal e persistência na exploração (*ver imagem 12*).



Imagem 12 - Crianças a explorar no exterior

2.4. A natureza!

Na atividade “A natureza!” (30/04/2025), realizada no jardim ao ar livre, a proposta estruturou-se em torno de uma dinâmica de descoberta, através da colocação de elementos naturais e frutas no interior de caixas de cartão. Esta opção metodológica não é neutra: ao “esconder” os materiais, a atividade mobiliza curiosidade e expectativa, levando a criança a aproximar-se por iniciativa própria e a manter-se mais tempo na ação para descobrir o que está dentro. O contexto exterior, aliado ao carácter exploratório da proposta (procurar, abrir, retirar e manipular), criou condições favoráveis ao envolvimento do grupo, traduzidas num clima globalmente positivo, com sinais consistentes de bem-estar, curiosidade e iniciativa.

Relativamente ao 1.º objetivo (analisar as diferentes reações das crianças perante elementos da natureza), os registos mostram uma tendência global para respostas positivas, marcadas por alegria, curiosidade e surpresa, acompanhadas por exploração com as mãos e pelo desejo de repetir a experiência (mexer, retirar, voltar a tocar). Ainda assim, a forma como essas reações se manifestam varia entre crianças, revelando estilos diferentes de exploração. A CM, por exemplo, demonstra surpresa e espanto perante a textura da folha, evidenciando curiosidade sensorial e disponibilidade para explorar (*ver imagem 13*).



Imagem 13 - Criança a brincar com elementos naturais

Esta reação é relevante porque sugere que a novidade tátil, quando enquadrada num ambiente seguro e com liberdade de ação, tende a intensificar o envolvimento, em vez de provocar afastamento. Ou seja, a surpresa aqui funciona como motor de exploração e não como bloqueio.

Em algumas situações, a exploração incluiu ações típicas desta faixa etária, como levar elementos à boca, traduzindo investigação sensorial imediata através do corpo. No DU observa-se esse comportamento quando coloca a folha na boca (*ver imagem 14*).



Imagem 14 - Criança a colocar a flor na boca

Apesar de exigir supervisão por questões de segurança, este comportamento é um indicador importante de implicação: mostra que a criança não está apenas a observar, mas a procurar informação através do corpo, recorrendo a um meio de exploração muito frequente nesta idade. Do ponto de vista analítico, este gesto reforça que a exploração de materiais naturais em creche é frequentemente corporal e imediata, e que a proposta deve prever mediação do adulto sem interromper a experiência de forma constante.

No caso da LU, destaca-se uma exploração mais regulada e atenta, centrada na experiência tátil, ao sentir uma textura diferente da folha (*ver imagem 15*).



Imagem 15 - Criança a explorar a textura das folhas

Esta forma de participação, mais contida, é igualmente significativa: a implicação não se traduz apenas em ações expansivas ou repetitivas, mas também em contacto cuidadoso, observação e atenção sustentada às propriedades do material. Este contraste entre o DU e a LU mostra que, perante o mesmo estímulo, podem coexistir formas distintas de envolvimento exploração mais impulsiva e corporal versus exploração mais controlada e sensível o que reforça a importância de reconhecer diferenças individuais sem as interpretar como “mais” ou “menos” interesse.

No que respeita ao 4.º objetivo (avaliar e perceber as diferenças entre contextos exterior e interior), esta atividade permite caracterizar o exterior como um contexto facilitador do bem-estar, do envolvimento e da autonomia, sobretudo quando associado a uma proposta de descoberta. A LU e a CM surgem a explorar a caixa, as frutas e as folhas de forma autónoma e sem sinais de medo (*ver imagem 16*).



Imagem 16 - Crianças a explorar no exterior (frutas e plantas)

Este exemplo evidencia confiança na experiência e iniciativa na manipulação dos materiais. A autonomia manifesta-se, aqui, na capacidade de iniciar a ação (aproximar-se, abrir, retirar), de decidir o que tocar e como explorar, e de manter-se na tarefa sem dependência constante do adulto. Além disso, o espaço amplo do jardim parece favorecer uma exploração mais tranquila e continuada reduzindo interferências típicas de ambientes

mais limitados, onde a agitação do grupo pode condicionar a concentração e a permanência na proposta.

Em síntese, esta atividade sustenta o 1.º objetivo ao evidenciar reações predominantemente positivas perante elementos naturais e frutas, com surpresa, curiosidade e exploração tátil associadas à descoberta, evidenciando estilos diferentes de envolvimento. Contribui também para o 4.º objetivo ao mostrar que, em contexto exterior, a proposta favoreceu autonomia, continuidade de exploração e um clima de maior bem-estar, aspeto apoiado pelos registos fotográficos.

2.5. A praia veio à escola

Na atividade “A praia veio à escola!” (16/06/2025), realizada no jardim, a organização do espaço com água, areia, conchas e relva criou uma experiência sensorial diversificada e altamente mobilizadora para o grupo. O contexto exterior, aliado a condições meteorológicas favoráveis, parece ter contribuído para um clima de bem-estar generalizado e para uma permanência prolongada na atividade, aspeto particularmente relevante tratando-se de um grupo de 1 ano. Para além disso, a variedade de estímulos disponíveis funcionou como fator de manutenção do interesse: as crianças não se fixaram apenas num material, alternando entre água, areia, conchas e relva, o que favoreceu continuidade de exploração e evitou que a atividade se esgotasse rapidamente.

Relativamente ao 1.º objetivo (analisar as diferentes reações das crianças perante elementos da natureza), os registos apontam para respostas globalmente positivas e para um envolvimento sustentado, com exploração sensorial repetida e iniciativa na aproximação aos materiais. A água e a areia destacaram-se como elementos centrais na mobilização do grupo, não só pela novidade, mas também por permitirem ações repetitivas e visíveis (bater, mexer, atirar, encher e esvaziar), típicas de uma exploração experimental nesta idade. A CM, por exemplo, explorou a água de forma muito ativa, atirando-a e repetindo a ação, o que traduz entusiasmo e prazer na interação (*ver imagem 17*).



Imagem 17 - Criança a atirar água

No mesmo contexto, observa-se também uma exploração mais regulada e focada, quando a CM sente a textura da areia nos dedos, evidenciando atenção às propriedades do material e curiosidade tátil. Estes registos são relevantes porque mostram que a implicação pode alternar entre modos mais expansivos e outros mais delicados, mantendo-se, em ambos, a exploração significativa. Esta alternância também sugere capacidade de adaptação do comportamento ao material disponível, o que indica interesse real e não apenas agitação momentânea.

As conchas acrescentaram novidade e diferenciação tátil, favorecendo interesse e descoberta. A imagem em que o MG e o DN sentem a areia e as conchas ilustra bem essa exploração comparativa de texturas, em que as crianças manipulam, testam e repetem o contacto para compreender o material (*ver imagem 18*).



Imagem 18 - Crianças a explorar a textura da areia

Este tipo de exploração é particularmente relevante porque demonstra atenção às diferenças entre objetos e procura ativa de sensações distintas, evidenciando que o contacto com a natureza pode promover discriminação sensorial e curiosidade investigativa. Paralelamente, a relva ampliou a experiência para uma dimensão mais corporal, permitindo exploração pelo corpo inteiro: o MN sente a textura da relva com os pés, evidenciando um envolvimento sensorial diferente do contacto manual com água e areia, mas igualmente relevante para esta faixa etária (*ver imagem 19*).



Imagem 19 - Criança descalça a sentir a textura da relva

O facto de existirem estímulos que envolvem mãos e corpo inteiro aumenta a riqueza da proposta e potencia diferentes formas de participação, adequadas a diferentes perfis.

No que respeita ao 4.º objetivo (avaliar e perceber diferenças entre exterior e interior), esta atividade evidencia o exterior como um contexto particularmente facilitador da disponibilidade para explorar, da permanência prolongada na tarefa e da autonomia na interação com os materiais. A possibilidade de movimento livre e de exploração sem constrangimentos espaciais parece ter contribuído para uma participação mais tranquila e persistente, reduzindo conflitos e favorecendo a continuidade da ação. A observação de várias crianças a explorar em simultâneo água, areia e conchas reforça um clima de participação ativa e sustentada, compatível com níveis elevados de implicação e com maior liberdade de movimento (*ver imagem 20*).



Imagem 20 - Grupo de crianças a explorar livremente a mesa com os elementos naturais

Mesmo quando surgem diferenças individuais na forma de explorar (mais ativa, mais cuidadosa, mais corporal), o contexto exterior parece suportar essas diferenças sem comprometer a adesão global, funcionando como facilitador do bem-estar e da exploração sensorial. Importa ainda referir que, nesta proposta, a imitação entre pares não surge como sinal de dependência, mas como via de participação e de prolongamento do envolvimento: ao observar o que o outro faz, a criança encontra novas possibilidades de ação e mantém-se na atividade.

Em síntese, esta atividade sustenta o 1.º objetivo ao evidenciar reações predominantemente positivas e uma exploração sensorial diversificada perante água, areia, conchas e relva, com exemplos claros de exploração ativa e regulada, exploração comparativa de texturas e exploração corporal do ambiente. Contribui igualmente para o 4.º objetivo ao mostrar que, em contexto exterior e com materiais sensorialmente ricos, se observam maior disponibilidade para permanecer na atividade, maior autonomia na interação com os materiais e maior envolvimento global do grupo, aspeto também apoiado pelo registo coletivo da exploração.

3. Análise das Grelhas de Observação: Educação Pré-Escolar

3.1. Cozinha de lama

Na atividade “Cozinha de lama” (06/11/2025), realizada no exterior/jardim em contexto de educação pré-escolar, a proposta decorreu numa sala mista e a análise incidiu em três crianças de idades diferentes (3, 4 e 5 anos). A combinação de terra e água (lama) constitui um estímulo sensorial intenso e, em simultâneo, um suporte para o jogo simbólico, permitindo observar como cada criança lida com a sujidade, as texturas e a novidade do material. O exterior foi um fator facilitador, não por “ser melhor” em abstrato, mas por oferecer mais espaço, maior tolerância à sujidade e tempo para experimentar sem pressa, criando condições para uma participação mais disponível.

Relativamente ao 1.º objetivo (analisar as diferentes reações das crianças perante elementos da natureza), os registos evidenciam respostas diferenciadas que podem ser interpretadas como formas distintas de aproximação ao material, influenciadas tanto pela idade como pelas características individuais. Na criança de 3 anos (TG), observa-se uma entrada mais cautelosa, com necessidade de ganhar confiança antes de explorar de forma mais livre. A exploração surge inicialmente controlada, procurando não se sujar muito, o que indica gestão do contacto sensorial e procura de segurança na aproximação ao material (*ver imagem 21*).



Imagem 21 - Criança a explorar sem tocar muito na terra

Este aspeto é relevante porque mostra que, em propostas sensoriais mais intensas, a adesão pode construir-se ao longo do tempo e não depender apenas da reação inicial.

Na criança de 4 anos (TM), a exploração parece depender da forma como tolera a textura da terra. A imagem em que sente a terra ajuda a sustentar esta leitura, por evidenciar contacto direto com o material, ainda que possa existir alguma reserva inicial (ver imagem 22).



Imagem 22 - Criança a sentir a textura da terra

Do ponto de vista analítico, este tipo de resposta é importante porque mostra que o envolvimento não implica ausência de desconforto: a criança pode sentir resistência e, ainda assim, manter-se na atividade, explorando gradualmente e ajustando o ritmo.

Já na criança de 5 anos (FD), destaca-se uma exploração mais organizada e intencional. Ao transportar água de um recipiente para o outro, observa-se uma ação repetida e focada, compatível com concentração sustentada e autorregulação (*ver imagem 23*).



Imagem 23 - Criança a transportar a água de um recipiente para o outro

Este dado ganha maior significado se considerarmos que esta criança costuma estar muito agitada no interior e, neste caso, se manteve muito calma, o que sugere que o contexto exterior pode favorecer a regulação do comportamento e a persistência na tarefa.

No que respeita ao 4.º objetivo (avaliar e perceber as diferenças entre contextos exterior e interior), esta atividade permite caracterizar o exterior como um contexto particularmente adequado a propostas com materiais que sujam e que exigem liberdade de movimento. A participação do grupo é visível em momentos de exploração partilhada, com várias crianças envolvidas na atividade em simultâneo (*ver imagem 24*).



Imagem 24 - Várias crianças a explorar a lama

Esta questão aponta para um clima de implicação coletiva e disponibilidade para permanecer na proposta. Além disso, a própria dinâmica de construção da lama evidencia iniciativa e tomada de decisão, como se observa quando uma criança acrescenta mais água para intensificar a mistura, demonstrando compreensão prática da relação entre materiais e efeito pretendido.

De forma quantitativa simples, duas crianças apresentam implicação moderada (TG e TM) e uma apresenta implicação intensa (FD). Ao nível da autonomia, TG e TM recorrem mais à imitação e, no caso do TM, pode surgir procura de ajuda quando necessário; por sua vez, o FD inicia e conduz a própria atividade, em linha com a postura mais autónoma e focada observada. Estes indicadores permitem uma comparação mais objetiva: o exterior facilita a exploração, mas as formas de participação variam, sendo que as crianças mais novas tendem a apoiar-se mais no grupo e na observação/imitação, enquanto a criança mais velha evidencia maior iniciativa e autorregulação.

No conjunto, esta atividade sustenta o 1.º objetivo ao evidenciar reações diferenciadas perante terra e água (cautela inicial, exploração tátil e ações intencionais), mostrando que a mesma proposta pode gerar modos distintos de envolvimento. Sustenta também o 4.º objetivo ao indicar que o exterior favorece a exploração com materiais naturais “sujos”, permitindo tempo e espaço para a adaptação progressiva e para o desenvolvimento da autonomia, ainda que com variações associadas à idade e às características individuais.

3.2. Pintura com elementos naturais

Na atividade “Pintura com elementos naturais” (19/11/2025), realizada no exterior/jardim em contexto de educação pré-escolar, a proposta decorreu numa sala mista, tendo sido observadas três crianças de 3, 4 e 5 anos. A atividade articulou exploração sensorial e utilização intencional de materiais naturais na pintura, permitindo analisar não só as reações às texturas (folhas e ouriços), mas também indicadores de implicação e autonomia em idades diferentes. A passagem da fase de exploração para a fase de produção (usar os materiais para pintar) é particularmente relevante, porque mostra que o contacto com a natureza não ficou apenas ao nível da sensação, sendo integrado numa tarefa com finalidade, o que tende a favorecer organização da ação e permanência mais prolongada.

Relativamente ao 1.º objetivo (analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza), os registos evidenciam respostas globalmente positivas nas três crianças, com predomínio de alegria e curiosidade, associadas a exploração tátil e a envolvimento na tarefa. Ainda assim, a forma como cada criança se envolve revela diferenças importantes no modo de participar e no tipo de atenção ao material. Na criança de 3 anos (OL), destaca-se uma participação muito envolvida e disponível, com iniciativa na utilização dos materiais naturais como instrumento de pintura. A OL estava a pintar com as folhas, revelando integração ativa do elemento natural na tarefa e mantendo um envolvimento consistente ao longo da proposta (*ver imagem 25*).



Imagem 25 - Criança a sentir a textura da folha

Este comportamento sugere que, nesta idade, a motivação se apoia fortemente na ação imediata e no efeito visível produzido: tocar, experimentar e ver o resultado na folha/papel parece sustentar a implicação e favorecer repetição de gestos.

Na criança de 4 anos (CA), observa-se implicação elevada (nível 4) e uma exploração orientada para a ação, com atenção particular à textura dos ouriços. A CA estava a pintar com os ouriços, o que evidencia curiosidade tátil e capacidade de utilizar a textura como recurso para produzir efeitos na pintura, mantendo-se focada e tranquila durante a atividade (*ver imagem 26*).



Imagem 26 - Criança a pintar o ouriço

Este dado é relevante porque mostra uma exploração mais funcional e intencional: a textura deixa de ser apenas “algo para sentir” e passa a ser “um meio para fazer”, o que aponta para maior controlo da ação e maior capacidade de manter foco na tarefa.

Na criança de 5 anos (RF), regista-se uma participação igualmente consistente, com exploração mais regulada e intencional. O RF estava a pintar com as folhas e, em simultâneo, a sentir a textura do ouriço, o que mostra alternância entre materiais e atenção às propriedades sensoriais, mantendo envolvimento e concentração na tarefa (*ver imagem 27*).



Imagem 27 - Criança a pintar o ouriço

Esta alternância é analiticamente importante, porque evidencia capacidade de comparar estímulos e de ajustar a ação em função do que cada material permite fazer. Ou seja, o envolvimento do RF não se centra apenas na repetição, mas numa exploração mais variada e organizada, compatível com maior maturidade na tomada de decisão durante a atividade.

No que respeita ao 4.º objetivo (avaliar e perceber as diferenças entre contextos exterior e interior), os indicadores de implicação e autonomia reforçam a leitura anterior. As três crianças foram observadas no exterior/jardim e registaram-se dois casos de implicação intensa (OL e CA com nível 4) e um caso de implicação moderada (RF com nível 3). Mesmo com esta diferença, o padrão geral aponta para envolvimento elevado, com participação tranquila e sustentada, sugerindo que o exterior, ao oferecer espaço e liberdade de movimento, favoreceu a continuidade da ação sem interrupções constantes. Ao nível da autonomia, OL e RF iniciam e conduzem a própria atividade, enquanto CA recorre à imitação de ações dos outros, mantendo, ainda assim, implicação intensa. Este dado é relevante porque mostra que a imitação, nesta proposta, funciona como estratégia de participação e aprendizagem: ao observar e reproduzir, a criança mantém-se ligada à tarefa e encontra formas de agir, sem que isso implique desinteresse ou passividade. A presença de várias crianças a pintar com elementos naturais reforça o carácter continuado e partilhado da exploração no exterior, contribuindo para a manutenção do clima de envolvimento (*ver imagem 28*).



Imagem 28 - Várias crianças a explorar e a pintar os elementos da natureza

Em síntese, esta atividade sustenta o 1.º objetivo ao evidenciar reações positivas perante folhas e ouriços, com destaque para o interesse nas texturas e para a integração dos materiais naturais na pintura, evidenciando formas diferenciadas de participação (mais imediata, mais funcional e mais comparativa). Sustenta igualmente o 4.º objetivo ao mostrar que, em contexto exterior, se observam níveis elevados de implicação e uma participação globalmente focada e tranquila numa sala mista, ainda que com formas distintas de autonomia (iniciativa própria versus imitação como estratégia de participação).

3.3. Os quadros da natureza

Na atividade “Os Quadros da Natureza” (11/12/2025), realizada em contexto de educação pré-escolar numa sala mista, a proposta inicialmente pensada para o exterior foi desenvolvida no interior devido às condições meteorológicas. Esta alteração influenciou o clima da atividade, traduzindo-se num ambiente mais agitado e menos favorável à concentração prolongada. Ainda assim, a proposta com folhas permitiu recolher evidência clara sobre diferenças nas reações, na implicação e na autonomia das três crianças analisadas (3, 4 e 5 anos), bem como na participação do grupo em geral.

Relativamente ao 1.º objetivo (analisar as diferentes reações das crianças perante elementos da natureza), os registos mostram respostas distintas perante o mesmo elemento natural folhas, sugerindo que a idade e as características individuais influenciam a forma de explorar, sobretudo quando o contexto interior é mais estimulante. Importa

notar que esta proposta exige não apenas contacto sensorial, mas também continuidade na tarefa (organizar e colar), o que torna mais visíveis diferenças de persistência e autorregulação.

Na criança de 3 anos (TG), observou-se calma e curiosidade, com exploração tátil consistente e atenção ao material. O TG explorou as folhas e manteve-se envolvido na proposta, revelando disponibilidade para participar, ainda que com necessidade de apoio pontual (*ver imagem 29*).



Imagem 29 - Criança a sentir a textura da folha

Este perfil sugere curiosidade organizada e envolvimento atento, compatíveis com a idade, mas ainda com alguma dependência do adulto para sustentar a ação.

Na criança de 4 anos (FC), registou-se exploração breve e pouco contínua, com dificuldade em manter o foco ao longo da atividade. O FC aproximou-se dos materiais, mas com menor persistência, evidenciando baixo envolvimento quando comparado com os restantes (*ver imagem 30*).



Imagem 30 - Criança a colar pequenos pedaços de folha na fita cola

Este dado é relevante porque indica que, num ambiente interior mais agitado, crianças mais tímidas ou menos disponíveis podem ficar mais facilmente dispersas, necessitando de maior mediação para manter a continuidade da tarefa.

Na criança de 5 anos (LA), observou-se maior concentração e envolvimento consistente. A LA sentiu a textura das folhas de forma mais intencional e manteve-se focada no trabalho que estava a realizar, evidenciando postura autorregulada e atenção sustentada ao material (*ver imagem 31*).



Imagem 31 - Criança a desfazer a folha com muito cuidado

Este perfil aponta para maior capacidade de gerir a tarefa e manter implicação mesmo num contexto menos favorável.

No que respeita ao 4.º objetivo (avaliar e perceber as diferenças entre contextos exterior e interior), esta atividade permite caracterizar o interior como um contexto que pode condicionar a implicação média do grupo. Em termos quantitativos simples, duas crianças apresentam implicação leve (nível 2: TG e FC) e uma apresenta implicação moderada (nível 3: LA), não se registando casos de implicação intensa. Ao nível da autonomia, a TG procura ajuda quando necessário, a FC requer assistência frequente e a LA inicia e conduz a própria atividade. Estes indicadores sustentam a interpretação de que, neste dia, o interior se associou a menor envolvimento global e a maior dependência do adulto em parte do grupo, embora não impeça que crianças com maior maturidade mantenham foco e organização da ação (*ver imagem 32*).



Imagem 32 - Conjunto de crianças a construir os quadros da natureza

Em síntese, esta atividade sustenta o 1.º objetivo ao evidenciar reações diferenciadas perante folhas, desde exploração mais consistente (TG), a exploração pouco persistente (FC) e a exploração intencional e concentrada (LA). Sustenta igualmente o 4.º objetivo ao mostrar que a realização em interior, num ambiente mais agitado, se associa a predominância de implicação leve e a maior necessidade de apoio em duas das três crianças analisadas, aspeto coerente com o que se observa na participação global do grupo.

3.4. As esculturas da natureza

Na atividade “As esculturas da natureza” (07/01/2026), realizada em contexto de educação pré-escolar numa sala mista e planeada para o interior, a proposta permitiu observar de que forma a manipulação de elementos naturais (folhas, flores, ramos e ouriços) pode sustentar envolvimento e exploração sensorial, mesmo quando o ambiente apresenta alguma agitação. A componente de construção/criação funcionou como organizador da ação: ao terem um objetivo concreto, as crianças orientaram a exploração das texturas e temperaturas para a tarefa, mantendo-se implicadas durante o processo.

Relativamente ao 1.º objetivo (analisar as diferentes reações das crianças perante elementos da natureza), os registos evidenciam respostas diferenciadas, com predominância de exploração tátil e ações de manipulação e organização dos materiais. Na criança de 3 anos (IB), observa-se uma postura calma, com alegria e atenção ao material, mas com dependência do adulto para realizar a proposta. A IB sente a textura e vai separando e partilhando materiais, o que demonstra interesse e envolvimento, ainda que necessite de apoio para transformar esse interesse em ação autónoma (*ver imagem 33*).



Imagem 33 - Criança a colar um pedaço de folha no barro

Na criança de 4 anos (MT), destaca-se um envolvimento sensorial e criativo mais intenso: há alegria, surpresa e curiosidade, associadas a sentir a textura e a ações de

construção, agrupamento e classificação. Apesar de se manter agitado ao longo da atividade, o MT explora ativamente e de forma inventiva, o que sugere que a proposta conseguiu captar a atenção e canalizar a energia para uma exploração produtiva (ver imagem 34).



Imagem 34 - Criança a colar um ouriço no barro

Na criança de 5 anos (SV), predomina uma exploração atenta e regulada: curiosidade e calma, com elevado nível de concentração e exploração das propriedades dos materiais, incluindo textura e temperatura. Este padrão indica envolvimento sustentado e prazer na descoberta sensorial, mesmo num contexto interior com alguma agitação (ver imagem 35).



Imagem 35 - Criança a sentir a textura da folha

No que respeita ao 4.º objetivo (avaliar e perceber as diferenças entre contextos, exterior e interior), esta grelha permite caracterizar o interior como um contexto em que a implicação pode manter-se moderada a intensa quando a proposta inclui objetivos claros e materiais apelativos, embora a autonomia varie entre crianças. Em termos quantitativos simples, duas crianças apresentam implicação moderada (nível 3: IB e SV) e uma apresenta implicação intensa (nível 4: MT). Ao nível da autonomia, a IB requer assistência frequente, o MT inicia e conduz a própria atividade e o SV recorre à imitação e procura ajuda quando necessário. Estes dados mostram que, mesmo em interior, é possível alcançar envolvimento significativo, mas com diferentes níveis de independência na execução da tarefa.

A qualidade do produto final também ajuda a sustentar a leitura de envolvimento e intenção na construção: a existência de uma escultura particularmente original, combinando barro, folhas, flores e ouriços, evidencia integração criativa dos materiais e apropriação do desafio proposto (*ver imagem 36*).



Imagem 36 - Escultura da Natureza muito original (Materiais: Barro, folhas, flores e ouriços)

Em síntese, esta atividade sustenta o 1.º objetivo ao evidenciar reações diferenciadas perante elementos naturais, desde tranquilidade com necessidade de apoio (IB), a exploração criativa e persistente apesar da agitação (MT), até concentração e prazer na exploração sensorial (SV). Reforça igualmente o 4.º objetivo ao mostrar que, em interior, propostas com materiais naturais podem promover implicação moderada a intensa, embora a autonomia e a estabilidade da participação variem com a idade e com as necessidades individuais.

3.5. Análise dos dois Contextos: Creche/Pré-Escolar

Importa clarificar que a comparação entre creche e educação pré-escolar não pretendem estabelecer equivalências diretas entre os resultados, uma vez que se trata de faixas etárias distintas, com níveis de autonomia, linguagem e necessidades de desenvolvimento diferentes. Assim, esta análise comparativa assume um carácter interpretativo, procurando compreender de que forma o contacto com o exterior e com elementos naturais se manifesta em cada contexto educativo, que tendências emergem em termos de bem-estar, implicação e participação e que implicações pedagógicas decorrem dessas diferenças para a organização das propostas.

A leitura conjunta das grelhas de observação permite identificar que, em ambos os contextos, o contacto com elementos naturais e propostas com exploração sensorial geram respostas significativas, mas com formas de expressão diferentes, coerentes com o momento de desenvolvimento das crianças. Na creche, as reações tendem a ser mais imediatas e centradas no corpo: a criança explora sobretudo através do toque, do movimento e da repetição de ações, sendo frequentes comportamentos nomeadamente, manipular intensamente materiais, atirar elementos, aproximar-se e afastar-se rapidamente, ou explorar de forma breve e alternada. Nesta fase, a experiência com materiais naturais pode desencadear alegria e curiosidade, mas também desconforto, estranheza ou evitamento, especialmente quando há novidade intensa, muitos estímulos ou menor previsibilidade no ambiente. Isto não deve ser lido como “menor qualidade” de participação, mas como uma participação típica de uma idade em que a exploração é fortemente sensorial e a regulação emocional ainda está em consolidação.

Na educação pré-escolar, sobretudo numa sala mista, observa-se que a exploração com materiais naturais mantém a componente sensorial, mas aparece frequentemente

associada a maior intenção e continuidade: as crianças conseguem permanecer mais tempo numa tarefa, articular exploração com objetivos (criar, construir, organizar, representar), e revelar maior capacidade de tolerar desconfortos iniciais (por exemplo, alguma resistência à sujidade ou a determinadas texturas) sem abandonar imediatamente a atividade. Também aqui surgem diferenças individuais, mas a forma de participação tende a incluir mais momentos de concentração, de organização do trabalho e de interação orientada com os pares, aspetos que são compatíveis com um nível de desenvolvimento mais avançado.

Um aspeto que se destaca nesta leitura comparativa é a forma como o papel do adulto se manifesta em cada contexto. Na creche, o adulto surge como um elemento particularmente estruturante para garantir segurança, continuidade e confiança, sobretudo quando a proposta envolve materiais menos habituais ou quando o ambiente fica mais agitado. A necessidade de apoio pode traduzir-se em assistência frequente, incentivo à aproximação gradual ou contenção emocional perante receios. Na Educação pré-escolar, a mediação do adulto mantém-se importante, mas tende a assumir um carácter mais regulador e organizador da proposta tais como: apoiar a gestão do grupo, favorecer a persistência, orientar a utilização dos materiais e ajustar o desafio às diferentes idades (o que se torna especialmente relevante numa sala mista). Em ambos os casos, a mediação é decisiva, mas as necessidades a que ela responde são distintas.

A comparação permite ainda observar tendências em torno do envolvimento e do tempo de permanência. Na creche, quando as condições são favoráveis (por exemplo, propostas com materiais variados, tempo disponível e ambiente mais tranquilo), verifica-se envolvimento prolongado e exploração repetida, o que é particularmente significativo numa idade em que a atenção pode ser mais breve e muito dependente do interesse sensorial. Na educação pré-escolar, a permanência prolongada tende a estar associada não só ao interesse sensorial, mas também ao sentido da tarefa (jogo simbólico, criação plástica, construção), o que favorece uma continuidade mais estável e um envolvimento mais organizado.

No que diz respeito ao bem-estar e à regulação emocional, a leitura interpretativa sugere que, na creche, as emoções se expressam com maior intensidade e variabilidade ao longo da atividade, sendo mais frequentes oscilações entre adesão, hesitação e evitamento. Na educação pré-escolar, observam-se com maior regularidade sinais de autorregulação e adaptação progressiva, embora continuem a existir reações ambivalentes

e necessidades de apoio sobretudo nas crianças mais novas da sala mista. Este ponto é importante porque mostra que o impacto das propostas com natureza não é uniforme: a forma como cada criança vive a experiência resulta da combinação entre idade, características individuais e condições do momento.

Em síntese, esta comparação não procura concluir que um contexto “favorece mais” do que o outro, mas evidenciar que o contacto com a natureza assume funções e expressões diferentes ao longo do desenvolvimento. Na creche, sobressai a exploração sensorial imediata e a importância de condições que favoreçam segurança e previsibilidade; na educação pré-escolar, destaca-se a exploração mais intencional, a persistência na tarefa e a influência da heterogeneidade etária na forma de participar. Esta leitura comparativa permite compreender melhor como o brincar ao ar livre e as experiências com elementos naturais podem ser ajustadas pedagogicamente a cada contexto, respeitando as necessidades do grupo e potenciando bem-estar, implicação e participação significativa.

A comparação entre a creche (berçário) e o contexto de educação pré-escolar enquadra-se numa leitura que reconhece a especificidade de cada etapa do desenvolvimento infantil. Por se tratar de faixas etárias distintas, esta análise não se orienta por uma lógica de equivalência direta, mas por uma abordagem interpretativa, centrada na compreensão de como o contacto com o exterior e com elementos naturais se expressa em cada contexto. Neste sentido, procura-se identificar tendências relativas ao bem-estar, à implicação e à participação das crianças e refletir sobre as implicações pedagógicas dessas diferenças na organização das propostas. Embora esta secção aprofunde sobretudo o 4.º objetivo, ela articula-se necessariamente com o 1.º objetivo, na medida em que as reações observadas variam em função do contexto educativo e da idade das crianças.

3.6. Condições que potenciam e que limitam a exploração com elementos naturais

A análise das atividades realizadas em creche e em educação pré-escolar permite identificar um conjunto de condições que, de forma consistente, parecem potenciar ou limitar a exploração das crianças em propostas com elementos naturais. Mais do que o contexto em si, são as características do ambiente, do tempo

disponível, do tipo de estímulo e da organização da proposta que influenciam o modo como as crianças se envolvem, reagem emocionalmente e mantêm a participação.

Um primeiro aspeto a considerar prende-se com a relação entre previsibilidade e novidade. As observações mostram que a introdução de elementos novos pode suscitar curiosidade e interesse, mas também medo ou resistência, sobretudo em idades mais precoces. Quando a novidade surge de forma muito intensa ou pouco previsível, como se observou na atividade com sombras e retroprojektor (*ver anexo 2, 2ª atividade*), algumas crianças revelam receio ou necessidade de maior apoio do adulto, o que condiciona a exploração direta. Em contraste, quando a novidade está associada a estímulos sensoriais mais familiares ou gradualmente exploráveis, como folhas, terra, água ou materiais escondidos em caixas, verifica-se maior adesão e envolvimento progressivo. Estes dados sugerem que a forma como a novidade é introduzida influencia significativamente a disponibilidade emocional das crianças para explorar.

O tempo de permanência e o ritmo da atividade constituem outro fator determinante. De forma recorrente, observa-se que a hesitação inicial não impede, por si só, o envolvimento, desde que as crianças disponham de tempo suficiente para se familiarizar com os materiais e com a proposta. Em várias atividades, sobretudo em creche, algumas crianças começam por explorar de forma breve ou cautelosa, mas aumentam gradualmente a interação à medida que se sentem mais seguras. Quando as propostas são mantidas no tempo e não interrompidas precocemente, surgem sinais de maior confiança, curiosidade e persistência. Pelo contrário, contextos marcados por transições rápidas ou interrupções tendem a limitar a profundidade da exploração.

O tempo de permanência e o ritmo da atividade constituem outro fator determinante. De forma recorrente, observa-se que a hesitação inicial não impede, por si só, o envolvimento, desde que as crianças disponham de tempo suficiente para se familiarizar com os materiais e com a proposta. Em várias atividades, sobretudo em creche, algumas crianças começam por explorar de forma breve ou cautelosa, mas aumentam gradualmente a interação à medida que se sentem mais seguras. Neste processo, o papel do educador é decisivo: ao oferecer tempo, manter uma presença disponível e garantir segurança sem interferir de forma excessiva, o adulto permite que a criança conduza a sua própria exploração e aprofunde a experiência ao seu ritmo. Pelo contrário, quando o adulto interrompe frequentemente a ação exploratória, apressa transições ou orienta a

atividade de forma demasiado diretiva, tende a reduzir-se a continuidade da exploração e a possibilidade de a criança construir confiança, persistência e envolvimento prolongado.

A profundidade de estímulos e o espaço disponível emergem também como condições relevantes. As atividades realizadas em contextos mais amplos e com maior liberdade de movimento tendem a favorecer uma exploração mais calma e autónoma, especialmente em creche. Quando o espaço é reduzido ou o ambiente do grupo se apresenta mais agitado, observa-se maior circulação, menor concentração e, em alguns casos, afastamento da proposta. Este aspeto é particularmente visível quando atividades inicialmente pensadas para o exterior são transferidas para o interior, alterando o clima do grupo e a disponibilidade das crianças. Assim, a organização do espaço, mais do que a localização interior ou exterior, revela-se determinante para criar condições favoráveis à exploração.

O tipo de material e de tarefa proposta constitui outra dimensão central. Materiais soltos, sensoriais e manipuláveis, como água, areia, folhas, conchas ou terra, tendem a desencadear exploração corporal imediata, sobretudo em creche, permitindo ações repetidas, experimentação livre e contacto direto com diferentes texturas. Na educação pré-escolar, embora estes materiais continuem a suscitar interesse, observa-se maior envolvimento quando são integrados em tarefas com intencionalidade clara, como propostas de criação, construção ou representação. Atividades como pintura com elementos naturais, quadros ou esculturas favorecem maior foco, organização da ação e permanência prolongada, sobretudo nas crianças mais velhas da sala mista.

De forma transversal, os dados mostram ainda que a exploração não é uniforme, mesmo perante a mesma proposta. As diferenças individuais atravessam todas as atividades, refletindo percursos de desenvolvimento distintos, níveis variados de confiança e formas próprias de se relacionar com a novidade. Algumas crianças exploram ativamente desde o início, enquanto outras observam, imitam ou necessitam de maior apoio para se envolver. Estas diferenças não devem ser interpretadas como sucesso ou insucesso da proposta, mas como expressões legítimas da diversidade do grupo, exigindo uma leitura atenta por parte do adulto.

Em síntese, a análise das atividades permite concluir que a exploração com elementos naturais é favorecida quando existem condições de previsibilidade, tempo suficiente, espaço adequado e materiais ajustados à idade e aos interesses das crianças. Por outro

lado, ambientes excessivamente agitados, estímulos demasiado intensos ou propostas pouco ajustadas ao momento do grupo podem limitar a participação e o envolvimento. Estas conclusões reforçam a importância de uma planificação intencional e flexível, capaz de atender às necessidades do grupo e de cada criança, valorizando a exploração como processo e não apenas como resultado.

3.7. Articulação entre a análise prática e a fundamentação teórica

A articulação entre a análise das grelhas de observação, os registos fotográficos e as entrevistas às educadoras permitem ligar, de forma fundamentada, a componente prática à base teórica do relatório. Em conjunto, os dados indicam que o contacto com elementos naturais e a vivência no exterior não geram, por si só, efeitos “automáticos” ao nível do bem-estar, do envolvimento e da autonomia. Pelo contrário, o que se observa é que estas dimensões dependem de condições concretas de implementação, como a previsibilidade da proposta, o tempo disponível para exploração, a organização do espaço, o tipo e a intensidade dos estímulos sensoriais, bem como a mediação do adulto. Esta constatação vai ao encontro da literatura sobre o brincar e sobre a intencionalidade pedagógica do ambiente, na medida em que reconhece que as aprendizagens e o envolvimento resultam da relação entre criança, contexto e interação, e não apenas da presença de determinados materiais. Assim, os resultados obtidos permitem compreender e sustentar, de forma integrada, os objetivos do estudo, desde as reações das crianças aos materiais naturais, às diferenças entre interior e exterior, até às implicações no bem-estar e na autonomia.

Ao longo das atividades realizadas, verifica-se uma diversidade consistente de reações perante folhas, terra, relva, água, areia, conchas e outros materiais naturais. Esta variedade, que inclui exploração ativa e prazerosa, aproximação gradual, contacto breve, hesitação inicial e, em alguns casos, evitamento, confirma que as crianças não reagem de forma uniforme ao mesmo estímulo. A exploração sensorial surge, assim, como um processo situado e progressivo, influenciado pela idade, pelo perfil individual, pela familiaridade prévia com determinados materiais e pelo modo como a proposta é apresentada. Esta leitura sustenta o objetivo de analisar diferentes reações e reforça a ideia de que o brincar com materiais “reais” amplia possibilidades de descoberta e aprendizagem, envolvendo o corpo e os sentidos como vias de conhecimento, como defendem Bilton, Bento e Dias (2017). Em consonância, as Orientações Curriculares para

a Educação Pré-Escolar (2016) valorizam a criança como sujeito ativo e competente, que observa, experimenta, levanta hipóteses e constrói significados a partir da ação. Na prática, esta perspetiva torna-se visível quando as crianças, ao manipular materiais naturais, ajustam a força, a velocidade, a distância e o tempo de contacto, transformando o objeto e a própria experiência (por exemplo, ao molhar, amassar, espalhar, juntar, separar ou comparar texturas).

Importa ainda sublinhar, a partir das grelhas e dos registos, que a reação inicial não determina, por si só, o nível de envolvimento ao longo do processo. Em várias propostas, sobretudo em creche, a hesitação inicial foi dando lugar a maior exploração quando existiu tempo suficiente para familiarização e quando o adulto assegurou condições de segurança e estabilidade. Este dado reforça a importância do ritmo da criança e do valor pedagógico do processo, mostrando que a aprendizagem se constrói na continuidade, na repetição e no “voltar a tentar”, e não apenas na adesão imediata. Assim, a análise empírica contribui para sustentar uma perspetiva centrada nos processos e no tempo, onde a exploração sensorial é entendida como percurso de descoberta e de regulação, em que o prazer e a curiosidade se desenvolvem gradualmente.

Neste ponto, a articulação com as entrevistas ganha especial relevância. As educadoras descrevem o exterior como um contexto que promove tranquilidade, melhora o clima do grupo e favorece uma maior disponibilidade emocional, não apenas durante a exploração, mas também após o regresso à sala. Esta perceção é coerente com o que se observou nas atividades realizadas no jardim, nas quais surgiram sinais recorrentes de maior permanência na tarefa, maior estabilidade emocional e um envolvimento mais sustentado, sobretudo quando os estímulos sensoriais eram ricos, mas previsíveis (água, areia, terra, folhas). Do ponto de vista teórico, o bem-estar pode ser entendido como resultado de condições que favorecem segurança, regulação emocional e sensação de controlo sobre a experiência. O exterior, quando organizado com intencionalidade, tende a oferecer mais espaço para movimento, menos constrangimento corporal, mais possibilidades de escolha e um ritmo de exploração mais compatível com as necessidades das crianças, fatores que, em conjunto, contribuem para a disponibilidade emocional. Assim, a análise permite responder de forma clara ao objetivo relativo ao bem-estar: o brincar ao ar livre, quando estruturado e acompanhado de mediação adequada, tende a apoiar a regulação e a qualidade do envolvimento, em linha com a valorização do exterior enquanto contexto educativo presente nas Orientação Curriculares para a Educação Pré-

Escolar (2016) e com a literatura que sublinha o impacto do ambiente na experiência infantil.

A liberdade de movimento e a possibilidade de explorar ao ritmo próprio surgem igualmente associadas a maior autonomia e tomada de decisão, respondendo ao objetivo centrado na autonomia. Nas grelhas, a autonomia torna-se visível quando as crianças iniciam e conduzem a própria ação, escolhem materiais, testam possibilidades, repetem gestos, persistem, ajustam estratégias e demonstram iniciativa, mesmo perante pequenos desafios. Em termos teóricos, estes comportamentos podem ser compreendidos como indicadores de agência e de autorregulação em construção, que se fortalecem quando a criança tem oportunidade de agir, errar, reformular e continuar, num ambiente que sustenta a experimentação. No exterior, estes comportamentos aparecem com maior frequência, sobretudo em creche, onde o espaço amplo facilita exploração corporal com menos interrupções e menos limitações. Na educação pré-escolar, observa-se que os materiais naturais continuam a mobilizar interesse, mas a autonomia tende a ganhar maior expressão quando a natureza é integrada em propostas com intencionalidade clara, como pintura, quadros, construções ou esculturas, favorecendo organização da ação, planeamento e concentração. Nesta linha, as entrevistas reforçam a importância do educador enquanto mediador: garantir segurança e criar condições, mas evitando interferência excessiva, permitindo que a criança conduza a exploração. Esta perspetiva aproxima-se do pensamento de Teresa Vasconcelos (2024), ao valorizar uma pedagogia centrada nos processos, na presença atenta e na intervenção contida, em que a autonomia se constrói com confiança na competência da criança, com tempo e com respeito pelos ritmos individuais.

As diferenças entre interior e exterior, objetivo igualmente assumido no estudo, tornam-se mais claras quando se cruzam atividades equivalentes em contextos distintos e quando se analisam situações em que propostas previstas para o exterior tiveram de ser transferidas para o interior. Nestes casos, a análise sugere que o interior, sobretudo em momentos de maior agitação, se associa com frequência a menor continuidade da exploração, maior circulação e, em algumas crianças, maior necessidade de apoio do adulto para manter o foco. Contudo, os dados não sustentam uma leitura simplista baseada apenas na oposição “estar dentro” versus “estar fora”. O que parece contribuir para as diferenças é a densidade de estímulos, a organização do espaço, a acessibilidade dos materiais e o grau de previsibilidade da proposta. A atividade com sombras e retroprojektor

exemplifica bem este ponto, mostrando como um estímulo intenso e menos previsível pode aumentar o receio e reduzir a exploração manual em parte do grupo, mesmo mantendo o elemento natural. Este exemplo permite aprofundar a confrontação com a teoria: a qualidade da experiência depende não só do material, mas do modo como é introduzido e mediado, do controlo percebido pela criança e do equilíbrio entre novidade e segurança. Assim, confirma-se que o contexto influencia a implicação, mas evidencia-se que a forma de propor a experiência e a intencionalidade pedagógica do ambiente são determinantes, em consonância com a visão das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) sobre o ambiente educativo como organizador da ação pedagógica.

Finalmente, a consistência desta articulação entre teoria e prática é reforçada pelas opções metodológicas. A observação participante, conforme descrita por Mónico et al. (2017), possibilitou captar reações, interações e nuances do envolvimento em contexto natural, incluindo aspetos menos acessíveis por via exclusivamente verbal, como hesitação, persistência, expressões emocionais, procura de proximidade do adulto e variações no ritmo de exploração. Por sua vez, a análise temática, segundo Rosa e Mackedanz (2021), permitiu organizar os dados por padrões recorrentes efeito do espaço, do tempo, da novidade e da mediação sem apagar a diversidade individual que atravessa todas as atividades. No conjunto, a componente prática confirma e concretiza os pressupostos teóricos mobilizados: a natureza e o exterior favorecem bem-estar, envolvimento e autonomia quando existem tempo, espaço e mediação ajustados; a novidade tende a exigir introdução gradual e previsível; e a intervenção do educador, equilibrada entre a segurança e a não intrusão, revela-se decisiva para aprofundar a exploração e consolidar aprendizagens significativas.

Considerações Finais

A realização deste estudo permitiu aprofundar a compreensão sobre o papel do brincar no exterior e do contacto com a natureza no desenvolvimento das crianças em contexto de Creche e Educação Pré-Escolar. A articulação entre a fundamentação teórica e a análise das atividades desenvolvidas evidencia uma convergência significativa: os dados observados confirmam que o espaço exterior, quando intencionalmente integrado na prática pedagógica, pode constituir um contexto privilegiado de bem-estar, implicação e autonomia.

Do ponto de vista teórico, os autores mobilizados ao longo do relatório defendem a centralidade do brincar, da exploração sensorial e da organização intencional do ambiente como dimensões estruturantes da ação educativa. A análise prática reforça estas perspetivas, mostrando que a exploração com elementos naturais favorece experiências ricas e diversificadas, desde que sejam asseguradas condições como tempo suficiente, espaço adequado e uma mediação sensível por parte do educador. Observou-se que a liberdade de movimento, a previsibilidade dos estímulos e a continuidade da proposta influenciam diretamente a qualidade do envolvimento das crianças, tal como sugerido na literatura.

A investigação permitiu ainda compreender que as reações das crianças não são uniformes e que a mesma proposta pode suscitar respostas distintas, dependendo da idade, das características individuais e do contexto em que decorre. Esta diversidade reforça a importância de uma prática flexível, atenta aos ritmos e às necessidades de cada criança. Ao mesmo tempo, a comparação entre interior e exterior evidenciou que o espaço não é neutro: ambientes mais amplos e menos restritivos tendem a favorecer maior disponibilidade emocional e maior iniciativa, embora a qualidade da organização pedagógica se revele determinante em qualquer contexto.

As entrevistas às educadoras contribuíram para consolidar esta leitura, ao evidenciarem uma perceção clara do exterior como facilitador de tranquilidade, autorregulação e aprendizagem. A convergência entre discurso profissional e dados observacionais reforça a relevância pedagógica da integração intencional da natureza no quotidiano educativo.

Se a investigação tivesse continuidade, seria pertinente aprofundar a análise comparativa entre contextos ao longo de um período mais prolongado, incluindo um

maior número de crianças e de propostas equivalentes em interior e exterior, de forma a reforçar a consistência dos dados. Poderia igualmente explorar-se com maior detalhe a relação entre contacto com a natureza e desenvolvimento de competências específicas, como a resolução de problemas, a cooperação entre pares ou a autorregulação emocional. Outra possibilidade de aprofundamento seria incluir a perspetiva das famílias, de modo a compreender como o contacto com a natureza é vivido também fora do contexto escolar.

Para futuras investigações e práticas educativas, importa continuar a valorizar o espaço exterior como contexto pedagógico estruturante e não apenas complementar. Recomenda-se que os profissionais invistam na planificação intencional de propostas com elementos naturais, garantindo tempo, continuidade e mediação ajustada. A natureza, quando integrada de forma consciente e reflexiva, pode constituir uma oportunidade significativa de aprendizagem, promovendo experiências que respeitam o ritmo da criança e valorizam o processo exploratório.

Em suma, este estudo reforça a importância de olhar para a natureza não como um recurso ocasional, mas como uma dimensão integrante da qualidade pedagógica em creche e educação pré-escolar, sustentada teoricamente e confirmada pela prática.

Referências Bibliográficas

Bento, G., & Portugal, G. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Iberoamericana de Educación*, 72, 85–104.

Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre*. Porto Editora.

Casanova, L. V. (2024). Crianças, natureza e as sutilezas do cotidiano na escola da infância. *Zero-a-Seis*, 26(50), 937–956.

Da Rosa, L. S., & Mackedanz, L. F. (2021). A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. *Atos de Pesquisa em Educação*, 16, e8574.

Direção-Geral da Educação. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Ministério da Educação.

Direção-Geral da Educação. (2024). *Orientações Pedagógicas para a Creche*. Ministério da Educação.

Mónico, L. S., Alferes, V. R., Castro, P. A., & Parreira, P. M. (2017). A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. In A. P. Costa, S. Tuzzo, & C. Brandão (Eds.), *Atas do 6.º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ2017): Investigação qualitativa em ciências sociais* (Vol. 3, pp. 724–733). Ludomedia.

Flores, M., & Nobre, S. B. (2025). Desemparedamento na educação infantil na visão de professores: Estudo sobre a relação criança-natureza e o desenvolvimento integral. In A. T. Basquerote (Ed.), *Biodiversidade, meio ambiente e desenvolvimento sustentável* (20.^a ed., Vol. XX, pp. 48–75). Editora Conhecimento Livre.

Montessori, M. (2023). *O método Montessori*. Edições Afrontamento.

Piazza, M. A., & Stoltz, T. (2025). A relação entre criança, arte e natureza: Uma revisão integrativa. *Revista Caderno Pedagógico*, 22(8), 1–29.

Rocha, N. M., Schroeder, E., & Batista, K. Z. S. (2023). *A aprendizagem e o desenvolvimento da criança em interação com a natureza: Elaborando um sistema de conceitos na perspectiva histórico-cultural*. In *Anais do II Simpósio Sul-Americano de Pesquisa em Ensino de Ciências (SSAPEC)* (30 out.–1 nov. 2023). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo.

Spinelli, C. S., Zucco, J., & Euzébio, J. S. (2020). Educação ambiental: Refletindo sobre a relação criança e natureza na educação infantil. *Cadernos do Aplicação*, 33(1), 1–13.

Tomás, C., & Fernandes, N. (2014). Direitos das crianças, brincar e brincadeiras. In *Brincar, Brinquedos e Brincadeiras: Modos de ser criança nos países de língua oficial portuguesa* (pp. 13–25).

Vasconcelos, T. (2024). Educação de infância: Nos 50 anos de construção do edifício. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 28, 1–27.

Anexos

Anexo 1 - Entrevistas às Educadoras de Infância

a) Educadora da Creche/Berçário

Idade: 41 anos

Já trabalhou tanto em creche como em educação pré-escolar? Sim

Há quantos anos trabalha na área: 19 anos

Gostava de estar mais tempo ao ar livre com as crianças? Sim

Objetivo 2: Analisar de que forma o brincar ao ar livre contribui para o bem-estar das crianças.

1- Na sua experiência, observa mudanças no bem-estar das crianças quando estas têm oportunidade de brincar ao ar livre?

Sim, observo mudanças no bem-estar quando as crianças têm oportunidade de brincar ao ar livre. O exterior dá-lhes mais espaço e liberdade de movimento, o que lhes permite estar mais confortáveis e explorar com maior tranquilidade. De um modo geral, noto que se sentem melhor e mais satisfeitas quando podem usufruir regularmente desse contexto.

2- Nota diferenças no comportamento emocional das crianças após o contacto com espaços exteriores? Se sim, pode dar alguns exemplos?

Notas imediatamente que as crianças ficam mais tranquilas. Mesmo quando estão mais agitadas dentro da sala, ao irem para o exterior tendem a acalmar, e esse efeito mantém-se no regresso. O espaço exterior, por ser mais amplo e permitir mais liberdade de movimento, promove bem-estar e ajuda-as a libertar energia de forma natural. Depois, quando voltam para a sala, é frequente estarem mais disponíveis para momentos mais orientados, como participar numa atividade mais estruturada ou ouvir uma história, especialmente no caso das crianças mais pequenas.

3- Considera que o brincar no exterior influencia o humor e a disposição das crianças ao longo do dia?

Sim, nota-se que uma criança mais agitada num espaço fechado, quando tem oportunidade de estar no exterior, com mais liberdade para brincar e movimentar-se, tende a acalmar e a regular melhor as suas emoções. No contexto do berçário, o exterior é particularmente importante porque oferece espaço e condições para libertar energia de forma natural, o que se traduz em maior bem-estar e mudanças positivas no humor. Ainda assim, é essencial que o tempo e o tipo de propostas sejam ajustados ao grupo, para que o exterior continue a ser um contexto tranquilo e favorecedor da exploração.

4- Em termos de relações interpessoais, observa algum impacto positivo do brincar ao ar livre entre os pares?

Sim, observo impacto positivo, embora não seja sempre igual em todas as situações. O exterior, por ser um espaço diferente e por disponibilizar materiais e desafios distintos, cria oportunidades para outras formas de interação entre os pares. No berçário, estas interações surgem muitas vezes através de pequenas aproximações e brincadeiras simples, como esconder e aparecer (“cu-cu”), imitação de gestos, seguir o outro, observar o que o colega está a fazer e explorar lado a lado os mesmos elementos do espaço.

É importante referir que, nesta idade, predomina frequentemente o jogo paralelo: as crianças podem estar próximas e partilhar o mesmo espaço e materiais, sem estarem ainda a brincar diretamente “com” o outro de forma continuada. Ainda assim, o brincar ao ar livre favorece a proximidade, a partilha de atenção e as primeiras experiências de cooperação e parceria, contribuindo para relações entre pares mais ricas e diversificadas.

5- Quais são, no seu entender, os principais benefícios do contacto regular com a natureza para o bem-estar global das crianças?

Os benefícios do contacto regular com a natureza são diversos e refletem-se no bem-estar global das crianças, sobretudo no berçário. Estar ao ar livre e em contacto com elementos naturais proporciona experiências sensoriais muito ricas, diferentes das que existem no interior: as crianças exploram novas texturas, temperaturas, cheiros e sons, o que estimula a curiosidade e a aprendizagem através do corpo e dos sentidos.

Além disso, o exterior tende a favorecer um maior equilíbrio emocional, porque permite libertar energia de forma natural e, muitas vezes, promove tranquilidade e melhor disposição. Também ao nível social há ganhos: em contextos menos estruturados, as crianças aproximam-se mais, observam-se, imitam-se e começam a construir formas simples de interação. Por fim, a exposição regular a ambientes e pessoas diferentes contribui para que se tornem mais seguras e mais adaptáveis, reagindo com maior confiança perante novidades, o que reduz o desconforto perante situações menos familiares.

Objetivo 3: Compreender como a liberdade de movimento e a exploração do ambiente exterior estimulam a autonomia e a tomada de decisões das crianças do berçário.

1- Que tipo de comportamentos nota nas crianças quando têm liberdade para explorar o exterior ao seu próprio ritmo?

Quando têm liberdade para explorar o exterior ao seu próprio ritmo, noto sobretudo comportamentos de maior observação, curiosidade e iniciativa. A exposição regular a estes espaços desperta interesse em descobrir, porque o exterior oferece estímulos e situações diferentes das que existem na sala, o que enriquece a exploração e mantém a motivação.

Também se torna muito evidente a importância de respeitar o ritmo individual, mesmo num grupo de crianças pequenas. Apesar de estarem na mesma faixa etária, há diferenças significativas nos níveis de desenvolvimento: algumas crianças exploram de forma mais ativa e deslocam-se pelo espaço, enquanto outras, sobretudo as que ainda não andam, exploram de forma mais parada, através do olhar, do toque e da atenção aos estímulos que têm ao alcance.

Nestes momentos, o papel do adulto é fundamental. Cabe ao educador garantir segurança e, ao mesmo tempo, criar oportunidades de descoberta para todas as crianças, aproximando materiais, levando-as a explorar elementos do ambiente (como uma árvore, folhas ou texturas do chão) e proporcionando experiências sensoriais ajustadas às suas capacidades e necessidades.

2- Considera que as crianças que costumam estar mais irritadas ou agitadas no interior ficam mais tranquilas quando estão ao ar livre?

Sim, de um modo geral, noto que muitas crianças que estão mais irritadas ou agitadas no interior tendem a ficar mais tranquilas quando vão para o exterior, porque conseguem libertar energia de forma mais natural, com mais espaço para se movimentarem e explorarem.

Ainda assim, depende do momento e de como o tempo no exterior é organizado. Por ser um contexto com mais liberdade e mais estímulos, pode também gerar alguma excitação e mais movimento. O importante é haver equilíbrio e bom senso: alternar momentos de maior atividade com momentos mais calmos e garantir uma rotina e um acompanhamento do adulto que ajudem as crianças a regular-se. No conjunto, o exterior acaba por ser um recurso muito positivo para apoiar a autorregulação e o bem-estar das crianças pequenas.

Que tipos de movimentos ou gestos espontâneos costuma observar nas crianças quando estão em contacto com a natureza?

No exterior, em berçário, observo sobretudo movimentos e gestos ligados à exploração sensorial e ao desenvolvimento motor inicial. As crianças rastejam, gatinham, levantam-se com apoio, deslocam-se com passos curtos e ainda pouco seguros, e passam muito tempo a mudar de posição (sentar, pôr-se de pé, voltar a sentar), a testar o equilíbrio e a coordenação. Vejo também muitos gestos espontâneos de exploração com as mãos e a boca: tocar e apertar a relva, a terra ou as folhas, apanhar pequenos elementos (sempre com supervisão), bater com objetos, encher e esvaziar as mãos, esfregar, arrastar, sacudir e deixar cair para observar o efeito. Há ainda muita observação e orientação do corpo para estímulos do ambiente, como virar a cabeça para sons, seguir movimentos, apontar, estender o braço para tocar e reagir ao vento ou ao sol. Tudo isto contribui para o desenvolvimento motor global e para a construção de conhecimento através dos sentidos, de forma muito natural.

Observa se as crianças demonstram preferência por determinados espaços ou objetos quando estão no exterior?

Sim, observo preferências, embora variem muito de criança para criança e também consoante o espaço disponível. Em berçário, há bebés que procuram zonas mais amplas e desimpedidas para se deslocarem ao seu ritmo (gatinhar, andar com apoio, explorar o chão), enquanto outros preferem cantos mais resguardados, onde se sentem mais seguros para observar e manipular elementos com calma.

Também se nota preferência por objetos ou estruturas que permitem ações simples e repetidas, como tocar, bater, abrir e fechar, entrar e sair, ou esconder e aparecer. Estas escolhas têm muito a ver com o momento de desenvolvimento de cada criança e com o tipo de experiência sensorial que procuram.

Quando o exterior oferece diferentes possibilidades (por exemplo, mais natureza, outros pisos, árvores, folhas e elementos variados), as preferências tornam-se ainda mais evidentes e diversificadas. Em espaços mais naturais, é comum vermos maior interesse por elementos do chão e do ambiente, precisamente por serem novidades ricas em textura, forma e som, o que aumenta a curiosidade e a vontade de explorar.

De que forma o ambiente exterior contribui, na sua opinião, para que as crianças explorem e descubram o mundo de forma autónoma?

O ambiente exterior contribui muito para que as crianças explorem e descubram o mundo de forma autónoma, sobretudo quando lhes é dado tempo e liberdade para brincar ao seu ritmo. No berçário, a autonomia constrói-se através de pequenas escolhas e iniciativas: decidir para onde ir, o que tocar, quanto tempo permanecer num material, repetir ações e experimentar de forma livre, com o adulto a garantir segurança e a acompanhar sem dirigir constantemente.

Também é importante considerar a intencionalidade com que se vai para o exterior. Quando o objetivo é o brincar livre, a autonomia tende a ser mais estimulada, porque a criança tem mais espaço para decidir e conduzir a sua exploração. Quando a ida ao exterior tem uma proposta mais orientada, trabalham-se outros aspetos, mas a exploração autónoma pode ficar mais condicionada.

Além disso, as características do próprio espaço exterior fazem diferença. Um ambiente que oferece contacto com a natureza e pequenas estruturas adequadas à idade (por exemplo, superfícies para trepar com apoio, pequenas subidas e descidas, diferentes texturas no chão) cria oportunidades naturais para a criança experimentar o corpo,

resolver pequenas dificuldades e ganhar confiança, reforçando gradualmente a sua autonomia.

b) Educadora de Educação Pré-Escolar

Idade: 40 anos

Já trabalhou tanto em creche como em educação pré-escolar? Sim

Há quantos anos trabalha na área: 16 anos

Gostava de estar mais tempo ao ar livre com as crianças? Sim

Objetivo 2: Analisar de que forma o brincar ao ar livre contribui para o bem-estar das crianças.

1- Na sua experiência, observa mudanças no bem-estar das crianças quando estas têm oportunidade de brincar ao ar livre?

Sim, sem dúvida, quando as crianças têm oportunidade de ir para o exterior, observo mudanças significativas: sinto-as mais tranquilas, mais motivadas e mais felizes. O espaço exterior permite-lhes libertar energia e correr livremente, e, para mim, o contacto com a natureza proporciona-lhes bem-estar emocional e físico. Quando regressam à sala, sinto-as mais relaxadas e mais predispostas para as atividades do dia a dia.

2- Nota diferenças no comportamento emocional das crianças após o contacto com espaços exteriores? Se sim, pode dar alguns exemplos?

Sim, noto bastantes diferenças no comportamento emocional do grupo. Depois de um momento no exterior, o grupo revela mais tranquilidade e maior capacidade de concentração. Por exemplo, quando as crianças estão mais agitadas ou frustradas, ficam muito mais calmas depois de irem brincar ao ar livre. As crianças, e o meu grupo em específico, ficam felizes e muito entusiasmadas quando podem vir para o exterior, e sinto que a capacidade de lidar com pequenas frustrações e a cooperação entre elas é muito maior.

3- Considera que o brincar no exterior influencia o humor e a disposição das crianças ao longo do dia?

Sem dúvida. Como referi anteriormente, brincar lá fora deixa-os mais felizes, mais predispostos, mais alegres e tolerantes, e também mais participativos. Na minha opinião, envolvem-se nas atividades com muito mais empenho e motivação; é como se vir cá fora os renovasse e lhes desse uma energia extra.

4- Em termos de relações interpessoais, observa algum impacto positivo do brincar ao ar livre entre os pares?

Sim, no exterior têm mais espaço para interagir, cooperar uns com os outros e brincar em grande grupo. Por isso, noto claramente que o exterior promove mais partilha, negociação de regras e respeito pelo outro, desenvolvendo mais empatia e sentido de pertença ao grupo e fortalecendo os laços sociais.

5- Quais são, no seu entender, os principais benefícios do contacto regular com a natureza para o bem-estar global das crianças?

Para mim, os maiores benefícios são o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social. No exterior, as crianças estimulam a curiosidade, a autonomia e são mais criativas, ao mesmo tempo que relaxam e se tranquilizam.

Objetivo 3: Compreender como a liberdade de movimento e a exploração do ambiente exterior estimulam a autonomia e a tomada de decisões das crianças do Pré-escolar.

6- Que tipo de comportamentos nota nas crianças quando têm liberdade para explorar o exterior ao seu próprio ritmo?

Quando as crianças têm liberdade para explorar o espaço exterior com calma e ao seu ritmo, noto que se tornam mais motivadas e são naturalmente mais curiosas, ativas e autónomas. Escolhem onde querem estar, decidem o que querem fazer, exploram materiais e espaços livremente e, por isso, vejo-as mais seguras e confiantes. Ao tomarem as suas próprias decisões, tornam-se mais independentes e revelam gosto por experimentar e descobrir o mundo à sua volta.

7- Considera que as crianças que costumam estar mais irritadas ou agitadas no interior ficam mais tranquilas quando estão ao ar livre?

Sim, e isso acontece com frequência. Como referi anteriormente, quando as crianças estão mais frustradas ou agitadas, acalmam-se quando vão para o exterior. O facto de poderem correr livremente ajuda-as a libertar energia e, naturalmente, ficam mais calmas. Tornam-se mais concentradas e mais disponíveis para interagir com os outros, e isso depois reflete-se no comportamento dentro da sala.

8- Que tipos de movimentos ou gestos espontâneos costuma observar nas crianças quando estão em contacto com a natureza?

No exterior, observo movimentos de liberdade: correr, saltar, rebolar, tocar na terra, tocar nas plantas, gritar, observar animais, sentir o vento e o calor do sol, partilhar descobertas com os amigos, entre tantos outros. Tudo isto mostra a necessidade natural que a criança tem de explorar o mundo com o corpo e com os sentidos.

9- Observa se as crianças demonstram preferência por determinados espaços ou objetos quando estão no exterior?

Sim, no meu grupo em concreto, algumas crianças preferem zonas mais amplas para correr e saltar. No entanto, tenho também crianças que procuram os cantinhos para explorar, brincar na terra e com paus, pedras e folhinhas que vão apanhando e utilizando em brincadeiras criativas.

10- De que forma o ambiente exterior contribui, na sua opinião, para que as crianças explorem e descubram o mundo de forma autónoma?

Na minha opinião, o espaço exterior dá uma enorme liberdade de ação, de escolha e de experimentação à criança, ao contrário do espaço interior, que é normalmente mais estruturado. Lá fora, as crianças podem fazer mais escolhas, têm mais autonomia e maior responsabilidade, têm oportunidade de resolver mais problemas, assumir mais riscos e aprender com as próprias experiências e escolhas. Por isso, é um contexto tão privilegiado.

Anexo 2 - Grelhas de Observação: Creche

1ª Atividade **1º Objetivo:** Analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: O jardim na nossa sala! **Data da realização:** 1/04/2025

Nome da criança	Elemento da Natureza	Reação Emocional	Expressão Facial	Ação Corporal	Contexto e detalhes descritivos	Observações
MG	Folhas: X Flores: X Terra: X Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: Medo: X Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: X Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Aperta a terra com força.	No Início o MG estava assustado, mas logo de seguida explorou livremente.
ML	Folhas: X Flores: X Terra: X Areia: Água: X Areia: X Outro: Relva	Alegria: Surpresa: X Medo: X Curiosidade: Frustração: X Indiferença: Outro: X	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: X Afasta-se: X Aproxima-se: Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Tocou nas flores com suavidade.	Teve medo, querendo ficar no colo do adulto, explorou apenas as flores.
CM	Folhas: X Flores: X Terra: X Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: Surpresa: X Medo: X Curiosidade: Frustração: X Indiferença: Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: Atira: Leva à boca: Afasta-se: X Aproxima-se: Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - A estagiária teve de ajudar na exploração.	Não quis fazer a atividade.

DU	Folhas: X Flores: X Terra: X Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro:	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: X Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Atirou a terra ao ar; - Explorou as folhas.	O DU gostou bastante da atividade explorou com as mãos a terra e atirou pelo ar. Fez muitas caretas ao tocar nas folhas. <i>(Imagem 2)</i>
MI	Folhas: X Flores: X Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro:	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Tocou nas folhas com muito cuidado.	(Imagem 4)
MN	Folhas: X Flores: X Terra: X Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: Surpresa: Medo: Curiosidade: Frustração: Indiferença: X Outro:	Sorri: Olhar de espanto: Olhar fixo: X Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: Atira: Leva à boca: Afasta-se: X Aproxima-se: Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes;	O MN não explorou a atividade, apenas passeava e observava pela sala.
MT	Folhas: X Flores: X Terra: X Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Tocou nas flores com a ponta dos dedos.	A MT no início não explorou, apenas tocou na relva, mas mais para o fim explorou livremente. <i>(Imagem 3)</i>

4ª Objetivo: Avaliar e perceber as diferenças entre contextos (Exterior e Interior)

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: O jardim na nossa sala!

Nome da criança	Data	Contexto	Implicação	Autonomia	Reação Emocional
MG	1/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: X 3: 4:	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: Observa: X Outro: _____
ML	1/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: X 3: 4:	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: Observa: X Outro: _____
CM	1/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: X 3: 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: X Procura ajuda quando necessário:	Sorri: Observa: X Outro: _____
DU	1/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X p''	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: Outro: _____

MI	1/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: Outro: _____
MN	1/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: Observa: X Outro: _____
MT	1/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: X 3: 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: X Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____

*Escala de observação:

1- Não implicado (observa passivamente) 2- Implicação leve (Manipula brevemente os materiais)

3 – Implicação moderada (interage com os materiais por um período apreciável) 4- Implicação intensa (explora ativamente e persistente os materiais)

2ª Atividade 1º Objetivo: Analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: Exploração das folhas com o retroprojeto **Data da realização:** 7/04/2025

Nome da criança	Elemento da Natureza	Reação Emocional	Expressão Facial	Ação Corporal	Contexto e detalhes descritivos	Observações
MT	Folhas: X Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro:	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro:	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Toca nas folhas.	No início a MT não quis participar, mas quando se aproximou gostou bastante. (Imagem 5)
DU	Folhas: X Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro:	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro:	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: X Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Tocou nas flores com curiosidade.	O DU gosta bastante de tocar nas folhas e é muito curioso. (Imagem 1)
DN	Folhas: X Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro:	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro:	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Tocou nas folhas com as pontas dos dedos.	O DI demonstrou muito interesse e brincou com as folhas. (Imagem 3)

CM	Folhas: X Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro:	Alegria: Surpresa: Medo: X Curiosidade: Frustração: X Indiferença: Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: Atira: Leva à boca: Afasta-se: X Aproxima-se: Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Não quis tocar nas folhas.	A CM teve medo das sombras.
MN	Folhas: X Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro:	Alegria: Surpresa: Medo: Curiosidade: Frustração: Indiferença: X Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: Atira: Leva à boca: Afasta-se: X Aproxima-se: Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Tocou nas folhas, mas pouco tempo.	-----

4ª Objetivo: Avaliar e perceber as diferenças entre contextos (Exterior e Interior)

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: Exploração das folhas com o retroprojeto

Nome da criança	Data	Contexto	Implicação	Autonomia	Reação Emocional
MT	7/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
DU	7/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
DN	7/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
CM	7/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: 2: X 3: 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: X Procura ajuda quando necessário:	Sorri: Observa: X Outro: _____
MN	7/04/2025	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Observação 1: X 2: 3: 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: X Procura ajuda quando necessário: X	Sorri: Observa: X Outro: _____

*Escala de observação:

1- Não implicado (observa passivamente) 2- Implicação leve (Manipula brevemente os materiais

3 – Implicação moderada (interage com os materiais por um período apreciável) 4- Implicação intensa (explora ativamente e persistente os materiais)

3ª Atividade **1º Objetivo:** Analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: Vamos explorar a natureza com materiais não estruturados **Data da realização:** 28/04/2025

Nome da criança	Elemento da Natureza	Reação Emocional	Expressão Facial	Ação Corporal	Contexto e detalhes descritivos	Observações
DN	Folhas: Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: X Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: X Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Explorou livremente.	Explorou bastante sozinho. (Imagem 1)
MI	Folhas: Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: X Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Tocou nas caixas.	(Imagem 2)
CM	Folhas: Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: X Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes;	(Imagem 3)

DU	Folhas: Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: X Leva à boca: X Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes;	(Imagem 4)
MT	Folhas: Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar fixo: X Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes;	Esta criança costuma estar muito séria dentro da sala e fica mais sozinha, mas no exterior estava muito feliz e divertida! (Imagem 5)
MJ	Folhas: Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: Surpresa: X Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: Olhar fixo: X Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - A estagiária teve de ajudar na exploração.	
MN	Folhas: Flores: Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro:	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes;	Esta criança costuma chorar muito dentro da sala, mas no exterior estava muito bem disposta. (Imagem 6)

4ª Objetivo: Avaliar e perceber as diferenças entre contextos (Exterior e Interior)

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: _Vamos explorar a natureza com materiais não estruturados

Nome da criança	Data	Contexto	Implicação	Autonomia	Reação Emocional
DN	28/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
MI	28/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
CM	28/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: X 3: 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: X Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: Observa: X Outro: _____
DU	28/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: Outro: _____

MT	28/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: X Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: Outro: _____
MJ	28/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: X Requer assistência frequente: X Procura ajuda quando necessário:	Sorri: Observa: X Outro: _____
MN	28/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: X 3: 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: X Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário: X	Sorri: X Observa: X Outro: _____

*Escala de observação:

1- Não implicado (observa passivamente) 2- Implicação leve (Manipula brevemente os materiais)

3 – Implicação moderada (interage com os materiais por um período apreciável) 4- Implicação intensa (explora ativamente e persistente os materiais)

4ª Atividade 1º Objetivo: Analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: A natureza! **Data da realização:** 30/04/2025

Nome da criança	Elemento da Natureza	Reação Emocional	Expressão Facial	Ação Corporal	Contexto e detalhes descritivos	Observações
CM	Folhas: X Flores: X Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: X Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: X Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Explorou bastante	Explorou bastante sozinha. (Imagem 1 e 2)
DU	Folhas: X Flores: X Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: X Medo: Curiosidade: Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: X Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Tocou nas caixas.	Colocou as flores na boca. (Imagem 3 e 4)
ML	Folhas: X Flores: X Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: X Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes;	Tocou nas folhas e estranhou as diferentes texturas. (Imagem 5)
MN	Folhas: X Flores: X Terra: Areia: Água: Areia: Outro: Relva	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Explorou as folhas com curiosidade.	(Imagem 6)

4ª Objetivo: Avaliar e perceber as diferenças entre contextos (Exterior e Interior)

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: A natureza!

Nome da criança	Data	Contexto	Implicação	Autonomia	Reação Emocional
CM	30/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
DU	30/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
ML	30/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: Observa: X Outro: _____
MN	30/04/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: Outro: _____

*Escala de observação:

1- Não implicado (observa passivamente) 2- Implicação leve (Manipula brevemente os materiais)

3 – Implicação moderada (interage com os materiais por um período apreciável) 4- Implicação intensa (explora ativamente e persistente os materiais)

5ª Atividade **1º Objetivo:** Analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: A praia veio à escola! **Data da realização:** 16/06/2025

Nome da criança	Elemento da Natureza	Reação Emocional	Expressão Facial	Ação Corporal	Contexto e detalhes descritivos	Observações
CM	Folhas: Flores: Terra: Areia: X Água: X Outro: Relva e Conchas	Alegria: X Surpresa: X Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: Abre a boca	Explora com as mãos: X Atira: X Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: Outro: Atira a água	- Outras crianças estavam presentes; - Explorou bastante a água atirando com esta e tocou na areia com imenso cuidado!	Explorou bastante e estava muito entusiasmada. (Imagem 2, 3 e 4)
MI	Folhas: Flores: Terra: Areia: X Água: X Outro: Relva e Conchas	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Tocou com cuidado na areia e nas conchas.	Colocou as flores na boca. (Imagem 4 e 5)
DN	Folhas: Flores: Terra: Areia: X Água: X Outro: Relva e Conchas	Alegria: X Surpresa: Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: X Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Esta criança ficou muito animada com o facto de poder explorar com as mãos a areia e a água.	(Imagem 7)

MT	Folhas: Flores: Terra: Areia: X Água: X Outro: Relva e Conchas	Alegria: Surpresa: X Medo: X Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar fixo: X Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes; - Demorou um pouco a explorar, mas depois não teve medo!	(Imagem 8)
MN	Folhas: Flores: Terra: Areia: X Água: X Outro: Relva e Conchas	Alegria: X Surpresa: X Medo: Curiosidade: X Frustração: Indiferença: Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Explora com as mãos: X Atira: Leva à boca: Afasta-se: Aproxima-se: X Outro: _____	- Outras crianças estavam presentes;	(Imagem 6)

4ª Objetivo: Avaliar e perceber as diferenças entre contextos (Exterior e Interior)

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: _A praia veio à escola!

Nome da criança	Data	Contexto	Implicação	Autonomia	Reação Emocional
CM	16/06/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
MI	16/06/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
DN	16/06/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
MT	16/06/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: X Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: X Outro: _____
MN	16/06/2025	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Observação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Sorri: X Observa: Outro: _____

*Escala de observação:

1- Não implicado (observa passivamente) 2- Implicação leve (Manipula brevemente os materiais)

3 – Implicação moderada (interage com os materiais por um período apreciável) 4- Implicação intensa (explora ativamente e persistente os materiais)

Anexo 3 - Grelhas de Observação: Educação Pré-Escolar

1ª Atividade **1º Objetivo:** Analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: Cozinha de lama **Data da realização:** 6/11/2025

Nome da criança	Idade	Elemento da Natureza	Reação Emocional	Expressão Facial	Ação Corporal	Contexto e detalhes descritivos da observação	Comentário do investigador
TG	3	Folhas: Flores: Terra: X Pedras/seixos: Ramos: Água: X Ouriços: Outro:	Alegria: X Surpresa: X Deslumbramento: X Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: Indiferença:	Sorri: X Olhar de espanto: Olhar de admiração: Olhar fixo: X Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura: X Sente a temperatura: X Constrói: Agrupar: X Separa: Classifica: Partilha com outra criança ou com um adulto: X	Inicialmente aproximou-se com cuidado para não se sujar, mas depois explorou livremente, sorrindo, rindo e partilhando com os colegas.	TG mostrou curiosidade e coragem para experimentar, superando o receio inicial. O envolvimento ativo e a partilha com os colegas revelam desenvolvimento socio emocional e prazer na atividade sensorial. (Imagem 1 e 2)
TM	4	Folhas: Flores: Terra: X Pedras/seixos: Ramos: Água: X Ouriços: Outro:	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: Medo: Nojo: X Calma:	Sorri: X Olhar de espanto: Olhar de admiração: X Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura: X Sente a temperatura: Constrói: Agrupar: Separa: X Classifica: Partilha com outra criança ou com um adulto: X	Inicialmente mostrou alguma resistência ao contacto com os materiais, reagindo às texturas, mas manteve-se sempre calmo. Com o decorrer da atividade, foi explorando de forma gradual e tranquila.	Superou o estranhamento inicial e envolveu-se na atividade ao seu ritmo, mantendo um comportamento sereno e concentrado. (Imagem 3 e 4)
FD	5	Folhas: Flores: Terra: X Pedras/seixos: Ramos: Água: X Ouriços:	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: X	Sorri: Olhar de espanto: Olhar de admiração: Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura: X Sente a temperatura: Constrói: X Agrupar: Separa: Classifica: Partilha com outra criança ou com um adulto:	Durante a atividade manteve-se calmo e focado. Ao transferir a água com terra entre recipientes, realizou a ação de forma lenta e repetida.	A atividade funcionou como estratégia de autorregulação, permitindo-lhe acalmar-se e manter um estado de tranquilidade e concentração. (Imagem 5 e 6)

4º Objetivo: Avaliar e perceber as diferenças entre contextos (Exterior e Interior)

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: _Cozinha de Lama

Nome da criança	Idade	Contexto	Implicação	Autonomia	Reação Emocional
TG	3	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Implicação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: X Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Alegria: X Surpresa: X Deslumbramento: X Curiosidade: Medo: Nojo: Calma: Indiferença:
TM	4	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Implicação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: X Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário: X	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: Medo: Nojo: X Calma: Indiferença:
FD	5	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Implicação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: X Indiferença:

*Escala de Implicação:

1- Não implicado (observa passivamente) 2- Implicação moderada (interage com os materiais por um período apreciável)

3-Implicação leve (manipula brevemente os materiais) 4- Implicação intensa (explora ativamente e persistentemente os materiais)

2ª Atividade **1º Objetivo:** Analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: Pintura com elementos naturais

Data da realização: 19/11/2025

Nome da criança	Idade	Elemento da Natureza	Reação Emocional	Expressão Facial	Ação Corporal	Contexto e detalhes descritivos da observação	Comentário do investigador
OL	3	Folhas: X Flores: Terra: Pedras/seixos: Ramos: Sementes: Ouriços: X Outro:	Alegria: X Surpresa: X Deslumbramento: X Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: Indiferença: Outro:	Sorri: X Olhar de espanto: X Olhar de admiração: Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura: X Sente a temperatura: Constrói: X Agrupa: Separa: Classifica: Partilha com outra criança ou com um adulto: Outro:	Durante a atividade manteve-se calma e muito envolvida. Explorou livremente os materiais, demonstrando gosto em sujar as mãos.	Apesar de ser habitualmente agitado, apresentou um elevado nível de envolvimento e prazer na exploração sensorial. (Imagens 1 e 2)
CA	4	Folhas: X Flores: Terra: Pedras/seixos: Ramos: Sementes: Ouriços: X Outro:	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: X Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: Olhar de admiração: Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura: X Sente a temperatura: Constrói: Agrupa: Separa: X Classifica: Partilha com outra criança ou com um adulto: X Outro:	Manteve uma postura focada ao longo da atividade, concentrando-se na pintura. Demonstrou interesse pelas texturas, em particular pelos ouriços.	Revelou atenção, curiosidade sensorial e envolvimento consistente na proposta. (Imagens 3 e 4)
RF	5	Folhas: X Flores: Terra: Pedras/seixos: Ramos: Sementes: Ouriços: X Outro:	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: X Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: Olhar de admiração: Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura: X Sente a temperatura: Constrói: X Agrupa: Separa: X Classifica: Partilha com outra criança ou com um adulto: Outro:	No exterior apresentou um comportamento mais calmo, explorando a atividade de forma tranquila.	O contacto com o espaço exterior contribuiu para uma maior tranquilidade e autorregulação da criança. (Imagens 5 e 6)

4ª Objetivo: Avaliar e perceber as diferenças entre contextos (Exterior e Interior)

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: Pintura com elementos naturais

Nome da criança	Idade	Contexto	Implicação	Autonomia	Reação Emocional
OL	3	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Implicação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Alegria: X Surpresa: X Deslumbramento: Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: Indiferença:
CA	4	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Implicação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: X Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: X Indiferença:
RF	5	Interior: Exterior/Jardim: X	*Escala de Implicação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento: X Curiosidade: Medo: Nojo: Calma: Indiferença:

*Escala de Implicação:

1- Não implicado (observa passivamente) 2- Implicação moderada (interage com os materiais por um período apreciável)

3-Implicação leve (manipula brevemente os materiais) 4- Implicação intensa (explora ativamente e persistentemente os materiais)

3ª Atividade **1º Objetivo:** Analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: Os quadros da natureza **Data da realização:** 11/12/2025

Nome da criança	Idade	Elemento da Natureza	Reação Emocional	Expressão Facial	Ação Corporal	Contexto e detalhes descritivos da observação	Comentário do investigador
TG	3	Folhas: X Flores: Terra: Pedras/seixos: Ramos: Sementes: Ouriços: Outro:	Alegria: Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: Medo: Nojo: Calma: X Indiferença: Outro:	Sorri: Olhar de espanto: Olhar de admiração Olhar fixo: X Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura X Sente a temperatura Constrói X Agrupar Separa Classifica Partilha com outra criança ou com um adulto: Outro: _____	Manteve-se calmo e curioso durante a atividade. Explorou a textura das folhas e mostrou interesse em colá-las na fita cola.	Demonstrou curiosidade sensorial e envolvimento na proposta, explorando os materiais com atenção. (Imagens 1)
FC	4	Folhas: X Flores: Terra: Pedras/seixos: Ramos: Sementes: Ouriços: Outro:	Alegria: Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: Medo: Nojo: Calma: Indiferença: X Outro:	Sorri: Olhar de espanto: Olhar de admiração Olhar fixo: Expressão de estranheza: X Outro: _____	Sente a textura Sente a temperatura Constrói Agrupar Separa Classifica Partilha com outra criança ou com um adulto: X Outro: _____	Apresentou dificuldade em manter o foco na atividade, explorando os materiais de forma breve e pouco contínua.	Apesar da sua postura habitualmente calma e tímida, revelou baixo envolvimento nesta proposta. (Imagens 2)
LA	5	Folhas: X Flores: Terra: Pedras/seixos: Ramos: Sementes: Ouriços: Outro:	Alegria: Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: Medo: Nojo: Calma: X Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: Olhar de admiração Olhar fixo: X Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura X Sente a temperatura X Constrói Agrupar Separa Classifica Partilha com outra criança ou com um adulto: Outro: _____	Manteve-se concentrada ao longo da atividade, focado no trabalho que estava a realizar.	Demonstrou elevado nível de concentração e envolvimento na tarefa. (Imagens 3)

4ª Objetivo: Avaliar e perceber as diferenças entre contextos (Exterior e Interior)

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: Os Quadros da Natureza

Nome da criança	Idade	Contexto	Implicação	Autonomia	Reação Emocional
TG	3	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Implicação 1: 2: X 3: 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário: X	Alegria: Surpresa: Deslumbamento X Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: Indiferença:
FC	4	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Implicação 1: 2: X 3: 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: X Procura ajuda quando necessário:	Alegria: Surpresa: Deslumbamento Curiosidade: Medo: Nojo: Calma: X Indiferença: X
LA	5	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Implicação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Alegria: X Surpresa: Deslumbamento Curiosidade: Medo: Nojo: Calma: Indiferença:

*Escala de Implicação:

- 1- Não implicado (observa passivamente) 3- Implicação moderada (interage com os materiais por um período apreciável)
2- Implicação leve (manipula brevemente os materiais) 4- Implicação intensa (explora ativamente e persistentemente os materiais)

4ª Atividade 1º Objetivo: Analisar as diferentes reações das crianças com diversos elementos da natureza

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: As esculturas da natureza

Data da realização: 7/01/2026

Nome da criança	Idade	Elemento da Natureza	Reação Emocional	Expressão Facial	Ação Corporal	Contexto e detalhes descritivos da observação	Comentário do investigador
IB	3	Folhas: X Flores: X Terra: Pedras/seixos: Ramos: X Sementes: Ouriços: X Outro:	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: Medo: Nojo: Calma: X Indiferença: Outro:	Sorri: X Olhar de espanto: Olhar de admiração Olhar fixo: X Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura X Sente a temperatura Constrói Agrupar Separa X Classifica Partilha com outra criança ou com um adulto: X Outro:	Manteve uma postura calma durante a atividade, necessitando de apoio do adulto para realizar a proposta.	Revelou tranquilidade, mas dependência do adulto para participar na atividade. (Imagem 1)
MT	4	Folhas: X Flores: X Terra: Pedras/seixos: Ramos: X Sementes: Ouriços: X Outro:	Alegria: X Surpresa: X Deslumbramento: Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: Outro: _____	Sorri: X Olhar de espanto: Olhar de admiração Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura X Sente a temperatura Constrói X Agrupar X Separa Classifica X Partilha com outra criança ou com um adulto: Outro: _____	Manteve-se agitado ao longo da atividade no interior da sala. Demonstrou criatividade e interesse pelas sensações proporcionadas pelos elementos naturais.	Apresentou envolvimento sensorial e criatividade, apesar da agitação constante. (Imagem 2)
SV	5	Folhas: Flores: Terra: Pedras/seixos: Ramos: X Sementes: Ouriços: X Outro:	Alegria: Surpresa: Deslumbramento: Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: X Outro: _____	Sorri: Olhar de espanto: X Olhar de admiração Olhar fixo: Expressão de estranheza: Outro: _____	Sente a textura X Sente a temperatura X Constrói Agrupar Separa Classifica Partilha com outra criança ou com um adulto: Outro:	Manteve-se muito concentrado durante a atividade, explorando com interesse as folhas e os ramos.	Demonstrou elevado envolvimento e prazer na exploração dos materiais naturais. (Imagem 3)

4ª Objetivo: Avaliar e perceber as diferenças entre contextos (Exterior e Interior)

Instrumento: Grelha de observação

Atividade: Esculturas da Natureza

Nome da criança	Idade	Contexto	Implicação	Autonomia	Reação Emocional
IB	3	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Implicação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: X Procura ajuda quando necessário:	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento Curiosidade: Medo: Nojo: Calma: X Indiferença:
MT	4	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Implicação 1: 2: 3: 4: X	Inicia e conduz a própria atividade: X Imita ações dos outros: Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário:	Alegria: X Surpresa: Deslumbramento Curiosidade: X Medo: Nojo: Calma: Indiferença:
SV	5	Interior: X Exterior/Jardim:	*Escala de Implicação 1: 2: 3: X 4:	Inicia e conduz a própria atividade: Imita ações dos outros: X Requer assistência frequente: Procura ajuda quando necessário: X	Alegria: Surpresa: Deslumbramento Curiosidade: Medo: Nojo: Calma: X Indiferença:

*Escala de Implicação:

- 1- Não implicado (observa passivamente) 2- Implicação moderada (interage com os materiais por um período apreciável)
3- Implicação leve (manipula brevemente os materiais) 4- Implicação intensa (explora ativamente e persistentemente os materiais)